

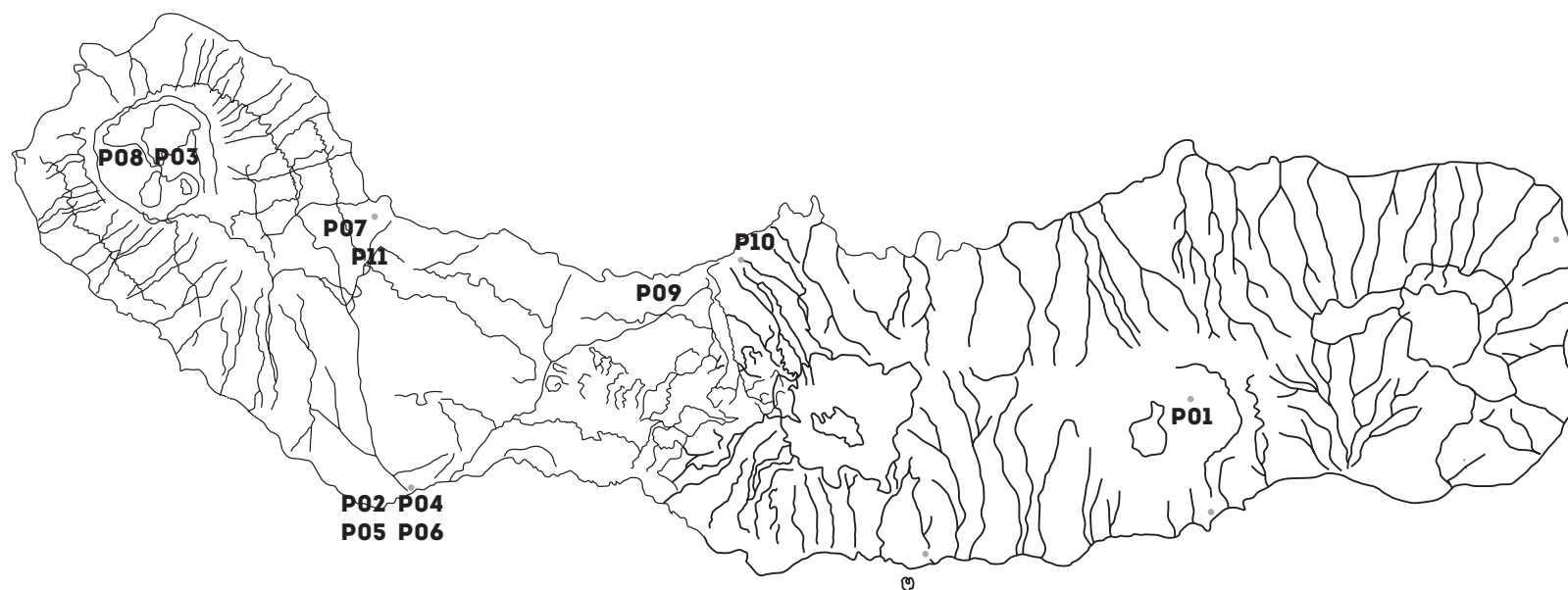
SÃO MIGUEL





ABRIL **2017** Viagem do Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE-IUL a São Miguel







P01 CENTRO DE MONITORIZAÇÃO E INVESTIGAÇÃO E RESIDÊNCIAS TEMPORÁRIAS DAS FURNAS

UMA OUTRA PERSPETIVA SOBRE A FLORA DOS AÇORES T1

P02 IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

P03 PLANO DE ORDENAMENTO DA BACIA HIDROGRÁFICA DA LAGOA DAS SETE CIDADES

ASPETOS DA ARQUITETURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA LOCAL T2

P04 BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

P05 CORPO DE ANFITEATROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

PÃO T3

P06 RESIDÊNCIAS ESTUDANTES

P07 HABITAÇÃO UNIFAMILIAR JOÃO PACHECO DE MELO E FLORINDA MELO

A ESTRUTURA DA PROPRIEDADE E O DESENHO DO TERRITÓRIO. ILHA DE S. MIGUEL – SÉCULOS XV A XIX T4

P08 COMPLEXO HABITACIONAL DAS 7 CIDADES

P09 PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE SÃO MIGUEL

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO POVOAMENTO DAS ILHAS DOS AÇORES T5

P10 ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

P11 QUINTA DA TÍLIA

GEOLOGIA DOS AÇORES T6



Prof. Doutor

JOÃO LUÍS GASPAR

Reitor - Universidade dos Açores

Decorreu entre os dias 30 de março e 4 de abril de 2017 mais uma visita de estudantes e docentes do Curso de Arquitetura do ISCTE-IUL à Universidade dos Açores. Fruto de uma parceria institucional com cerca de uma década de existência, tal deslocação constituiu-se como mais um momento de relevante importância para todos os que, ao longo de quase uma semana de trabalho e de confraternização, puderam participar nos vários momentos do encontro.

O programa foi rico e envolveu, entre outros aspetos, uma visita ao campus universitário de Ponta Delgada, diversas aulas abertas a tocar temas da história, do património, da cultura, da biologia e da geologia dos Açores, e visitas de estudo que permitiram apreciar algumas das mais belas paisagens de S. Miguel, como as que materializam os vulcões das Sete Cidades, do Fogo e das Furnas, assim como alguns dos ícones

Prof. Doutora

MARIA DE LURDES RODRIGUES

Reitora - ISCTE-IUL

Uma década de cooperação entre o ISCTE-IUL e a Universidade dos Açores no domínio da Arquitetura e Urbanismo tem-se revelado extremamente enriquecedora para ambas as instituições, fruto da troca de experiências e de saberes, que muito valoriza a reflexão e o debate académico e científico.

Esta parceria tem proporcionado aos alunos oportunidades de formação e de mobilidade entre os dois estabelecimentos de ensino superior, que resulta numa aprendizagem mais rica porque mais diversificada.

Permite aos alunos do ISCTE-IUL o contacto com o património arquitetónico da Região Autónoma dos Açores, onde os mais ilustres arquitetos portugueses imprimiram, de forma exemplar, a sua marca à paisagem açoriana.

Permite aos estudantes da Universidade dos Açores consolidar e aprofundar, de forma integrada e continuada,

arquitetónicos da ilha, desde edificações seculares ao moderno Centro de Arte Contemporânea 'Arquipélago'.

A troca de experiências e conhecimentos, a percepção de novas realidades e vivências e a discussão 'do porquê das coisas' são elementos essenciais da aprendizagem contínua de estudantes, docentes e investigadores. Iniciativas como esta concorrem para uma formação académica e científica mais completa, e o empenho que a Universidade dos Açores e o ISCTE-IUL têm colocado no desenvolvimento desta parceria isso demonstra.

No cumprimento da nossa missão, neste ou noutro formato, tudo continuaremos a fazer para promover a coesão territorial, aproximar pessoas e regiões, e com isso ensinar e aprender. Afinal, é a relação Homem-Espaço que está na essência da própria Arquitetura.

os conhecimentos adquiridos nos primeiros anos do seu ciclo de estudos, mas também o contacto com o planeamento territorial e arquitetónico que caracteriza a grande área urbanizada de Lisboa.

A valorização e aprofundamento da interdisciplinaridade e da cooperação com outras Instituições de Ensino Superior é um valor fundamental para o ISCTE-IUL, sendo a parceria estratégica estabelecida com a Universidade dos Açores um ativo relevante, que importa manter e desenvolver.

JOSÉ LUÍS SALDANHA

*Director de Departamento de Arquitectura
e Urbanismo do ISCTE-IUL*

*Não poucos destes caçadores de baleias são originários
dos Açores, onde as naus do Nantucket que se dirigem
a mares distantes atracam frequentemente para aumentar
a tripulação com os corajosos camponeses destas costas
rochosas*.*

Desde o ano lectivo 2004/2005 que o Curso Preparatório da Licenciatura em Arquitectura – que depois evoluiu para Mestrado Integrado em Arquitectura (MIA) – começou a ser leccionado em São Miguel, com gestão da Universidade dos Açores e acompanhamento científico do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL.

O primeiro contingente de estudantes oriundo de Ponta Delgada chegou a Lisboa para frequentar o 3.º ano do curso em 2006/2007. Ao longo dos anos que se seguiram, sucederam-lhes novas gerações de companheiros que convergem na Cidade Universitária de Lisboa, onde encontram por anfitriões os colegas ingressados no 1.º ano do ISCTE, mas também aqueles que anteriormente transitaram de São Miguel para Lisboa. Esta sucessão renovada reforçou a identidade particular do nosso MIA.

ANA CRISTINA CORREIA GIL

*Presidente da Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade dos Açores*

Foi com muita satisfação que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e a Universidade dos Açores (UAc) receberam a visita de um grupo de docentes e estudantes do ISCTE-IUL em março e abril de 2017. O convívio que se proporcionou contribuiu certamente para o estreitamento das relações entre estas duas instituições, ligação que se vem estabelecendo desde há longa data entre a UAc e o ISCTE-IUL, por via do Protocolo que formaliza os Preparatórios da licenciatura em Arquitetura (1.º e 2.º anos) na UAc, prosseguindo posteriormente alunos para o 3.º ano e Mestrado no ISCTE-IUL.

Desde agosto de 2016 a UAc tem uma nova orgânica: foram criadas quatro faculdades e a FCSH acolheu a arquitetura – que ficou integrada no Departamento de História, Filosofia e Artes, relevando não somente a parte técnica desta oferta formativa, mas também a relação da Arquitetura com o Homem e a sua circunstância, as suas vivências e as suas experiências de vida. Demos o melhor acolhimento à Arquitetura – é uma área a florescer e que desejamos venha a desenvolver-se paulatinamente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Pareceu então oportuno estimular uma viagem que invertesse essa prática, e que os alunos que nos Açores projectam deslocar-se para Lisboa para completar seus estudos pudessem, dessa feita, receber colegas que irão encontrar no continente. Seguiram então, a 30 de Março de 2017, quase sessenta passageiros para Ponta Delgada - entre discentes, convidados e docentes - num avião da SATA muito apropriadamente nomeado *Macaronésia*, com que a Geografia distingue também as ilhas do Atlântico Norte que se estendem entre os Açores e Cabo Verde. Deste último arquipélago recebe também regularmente o MIA do ISCTE estudantes, tal como sucede com o Arquipélago da Madeira (alguns dos quais através do Curso Preparatório dos Açores).

“Macaronésia” é a expressão grega que corresponde às *Fortunatae Insulae* com que Plínio-o-Antigo designou as Ilhas Canárias^{*}. Do grego *makárōn* resulta, por exemplo, o nome “Macário” (“felizardo”) e o substantivo “macarrão” (“pão feliz”). *Nêsoi* significa “ilhas”, de onde facilmente se alcança o sentido de *Indonésia*, *Micronésia* ou *Polinésia*. Em resultado do acordo firmado em Janeiro de 2004 entre a Universidade dos Açores e o ISCTE-IUL para o propósito, mais de duzentos estudantes de Arquitectura transitaram já de Ponta Delgada para Lisboa, tendo cerca de cem concluído até à data o curso, diversos dos quais com dissertações de final de curso versando temática açoriana, ou de outras ilhas macaronésias. Tratam-se, sem dúvida, de números importantes para o arquipélago açoriano e para o ISCTE-IUL – e que ilustram a colaboração afortunada entre ambas as Instituições de Ensino Superior signatárias.

* Herman Melville, *Moby Dick*, Capítulo XXVII.

[†] *Naturalis Historia*, Livro VI.

Para esta visita de um grupo do ISCTE-IUL à Universidade dos Açores e à ilha de S. Miguel foi preparado um programa extenso, o qual primou pela diversidade: uma componente científica (aulas abertas, visitas a pontos arquitetónicos e urbanísticos), cultural (visitas a museus e outros locais), social (jantares, passeios, convívio) e uma parte mais de gestão e planificação, que se traduziu em reuniões entre os responsáveis de ambas as instituições.

Deixo aqui um agradecimento a todos os docentes da UAc pelo empenho e disponibilidade na organização do programa, na apresentação de aulas abertas e no acompanhamento deste grande e simpático grupo nas várias visitas que foram realizadas. Para os nossos visitantes, fica uma palavra de regozijo pela ideia desta viagem. Foi certamente um tempo feliz e produtivo aquele que passámos em conjunto na nossa universidade e na nossa ilha. Uma experiência certamente a repetir. A FCSH receber-vos-á de braços abertos. Bem hajam!

GABRIELA GONÇALVES

*Docente do ISCTE-IUL,
comissão específica paritária do protocolo ISCTE-IUL /Uaç*

PEDRO LUZ PINTO

*Sub Director do MIA ISCTE-IUL,
comissão específica paritária do protocolo ISCTE-IUL /Uaç*

SUSANA SERPA SILVA

*Coordenadora do Departamento
de História, Filosofia e Artes*

ANDREA HENRIQUE MARQUES

*Diretora dos Preparatórios do MI
em Arquitetura na UAC*

*“O mundo é mesmo estranho, sabem? Há cerca de vinte anos fiz uma viagem aos Açores, arquipélago que me pareceu mais imaginário do que real. Aliás, tão «deslocado» em relação a tudo que quando regresssei também me pareceu que a minha viagem tinha sido imaginária”.*¹

Em abril de 2017, partimos com um grupo de alunos do ISCTE-IUL para uma viagem a São Miguel com o livro “A mulher de Porto Pim” de António Tabucchi e a máquina fotográfica na bagagem.

Durante os vários intensos dias de viagem tivemos oportunidade de registar e de comprovar no território as diferentes matérias que os docentes da Universidade dos Açores gentilmente nos disponibilizaram sobre a construção da paisagem, a sua caracterização biofísica, a história insular, o património cultural, a caracterização histórica do povoamento e um património histórico e arquitectónico singular.

Os registos fotográficos destes alunos, com um olhar entusiasmado sobre a arquitectura que tiveram oportunidade

A visita de docentes e alunos do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura, do ISCTE-IUL, feita à Universidade dos Açores, de 30 de março a 4 de abril de 2017, representou um significativo momento de aproximação entre as duas instituições de ensino superior associadas na oferta do referido curso. A troca de experiências e de sinergias revelou-se proveitosa e enriquecedora, para ambas as partes, contribuindo para cimentar a relação académica e institucional, como este livro, que em boa hora se publica, vem comprovar.

Para os discentes da academia açoriana esta visita propiciou um primeiro contacto com os docentes e colegas do Departamento de Arquitetura do ISCTE-IUL, instituição que os acolherá quando rumarem a Lisboa, para completarem o ciclo do estudos. Para os discentes do continente — alguns dos quais pisavam a ilha pela primeira vez — esta visita foi uma forma de conciliar a descoberta do meio com a aprendizagem e o conhecimento.

Durante a estada em S. Miguel e no *campus* de Ponta Delgada da UAC, decorreram aulas-abertas com o intuito de dar a conhecer, aos visitantes, um pouco da História

de visitar, construíram um arquivo visual riquíssimo. Esta publicação, testemunho da viagem, reúne uma selecção exhaustiva destas imagens, às quais se juntaram os vários textos das aulas disponibilizadas pelos docentes da Uaç e os desenhos dos projectos cedidos pelos gabinetes de arquitectura responsáveis pelas obras que vistamos. Tal como António Tabucchi, também nós sentimos a necessidade de registar tudo aquilo que tínhamos visto e vivido, “...para que não se desvanecesse no ar como uma miragem”².

do povoamento e da urbanização do arquipélago, das suas características biofísicas, de aspetos da Arquitetura moderna e contemporânea local, incluindo a apresentação de um roteiro da Arquitetura dos Açores. Estas lições só foram possíveis graças à pronta colaboração de docentes do curso e de outras áreas científicas das Faculdades de Ciências Sociais e Humanas e de Ciências e Tecnologia. A receção, que contou com uma atuação de boas vindas por parte da Tuna Académica da Universidade dos Açores, foi seguida da projeção de um filme que convidou a “olhar a ilha”. A todos os colegas e intervenientes endereçamos o nosso agradecimento.

Às atividades realizadas no *campus* seguiram-se várias visitas de estudo, como forma de conciliar as explicações teóricas com a observação *in loco*. Da cidade de Ponta Delgada às cidades da Ribeira Grande e da Lagoa; das Sete Cidades às Furnas, os docentes e alunos do ISCTE-IUL, em conjunto com os colegas da UAC, puderam percorrer uma boa parte da ilha, fruindo das paisagens e explorando o território, as localidades, as edificações mais emblemáticas. Agradecemos às entidades que nos apoiaram, nomeadamente as Câmara Municipais de Ponta Delgada e da Ribeira Grande, e estamos certas de que as memórias desta visita perdurarão, mais e melhor ainda com a publicação desta obra.

Não queremos terminar, sem formular os nossos votos de que iniciativas como esta voltem a repetir-se num futuro próximo.

¹ Tabucchi, António *Sobre a Mulher de Porto Pim, Labirintite* in *Aubiografias alheias* Publicações D. Quixote 2018

² Idem



P1

CENTRO DE MONITORIZAÇÃO E INVESTIGAÇÃO E RESIDÊNCIAS TEMPORÁRIAS DAS FURNAS

Manuel e Francisco Aires Mateus

DATA

2005/2008



Foi intenção do projecto evocar a paisagem arquitectónica dos açores, numa linha de continuidade com as formas e os materiais que moldam a memória colectiva da ilha e do arquipélago, e do qual são já, pela força do tempo, uma espécie de segunda natureza. Assim os edifícios são volumes arquetipais, simples e compactos, revestidos com a pedra basáltica da região.

Centro de Monitorização e Investigação das Furnas

Sendo o edifício mais excepcional, o Centro de Monitorização e Investigação das Furnas recorre a um espaço intermédio entre o exterior e o interior - o pátio. Este surge como subtracção ao volume, recortando-o desde a zona central (vértice das quatro águas) até rasgar um dos alçados, possibilitando assim o acesso ao interior. É a partir deste pátio que se revelam os compartimentos principais do edifício. Estes espaços, truncados pelo pátio, mantêm todas as relações de interior / exterior fruto dos vãos existentes. O edifício é foi assim concebido como uma escultura, como um bloco de matéria prima, que intencionalmente se recorta para captar a luz e a própria Lagoa.

Residências

O edifício das residências temporárias é um volume compacto de quatro águas, compartimentado em quatro residências. O edifício é rasgado em cada um dos quatro alçados de pedra por um vão de madeira que permite a entrada de luz e o acesso a cada uma das unidades residenciais.

Existe uma hierarquia de alturas entre as quatro residências relacionada com a orientação solar de cada unidade. A parede exterior do edifício funciona como um muro, estrutural, onde passam as infraestruturas necessárias, em oposição às paredes interiores, leves, em madeira.

dono de obra: SPR Açores

localização: Lagoa das Furnas, São Miguel, Açores, Portugal

área de construção: 1 130 sqm

área terreno: 80 000 sqm

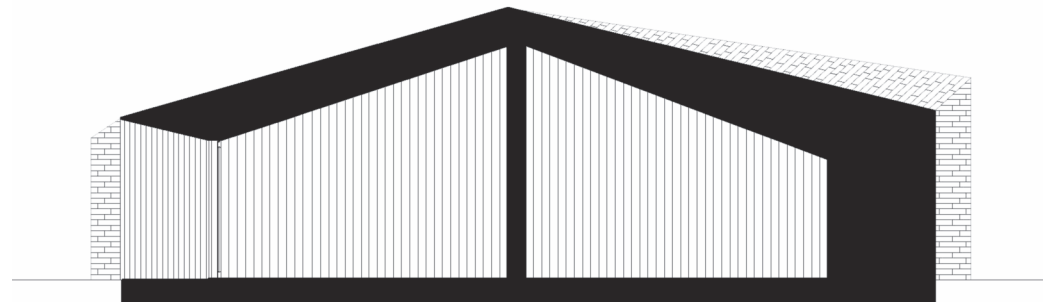
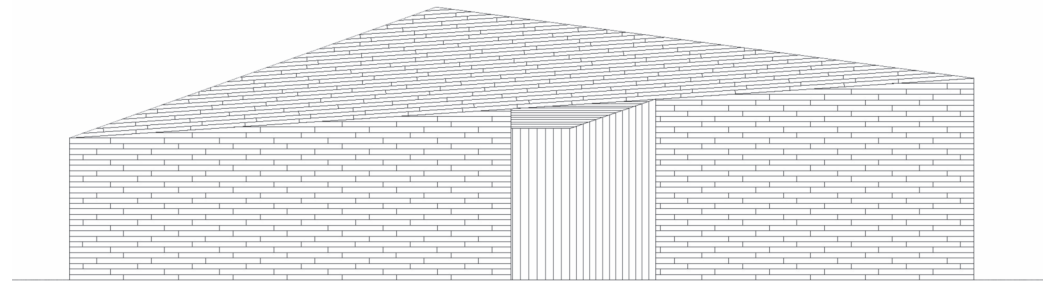
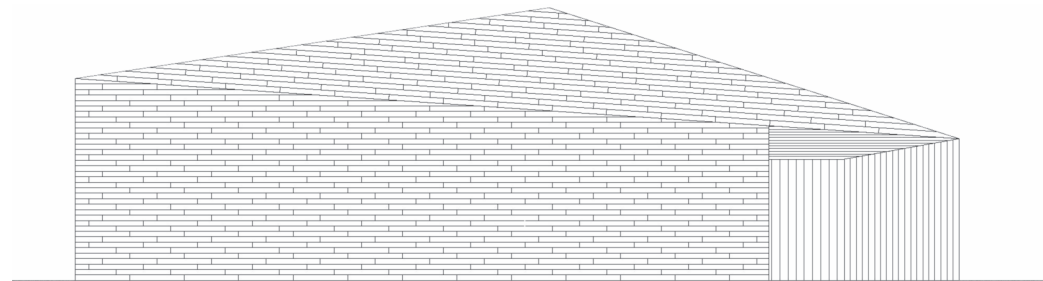
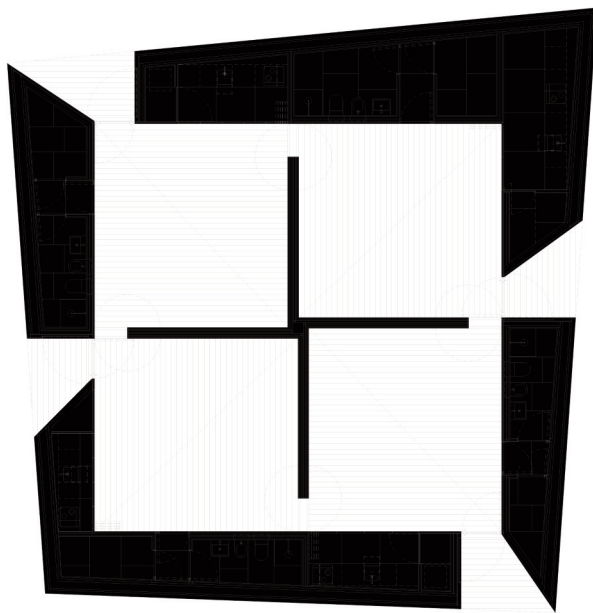
coordenação: patricia marques

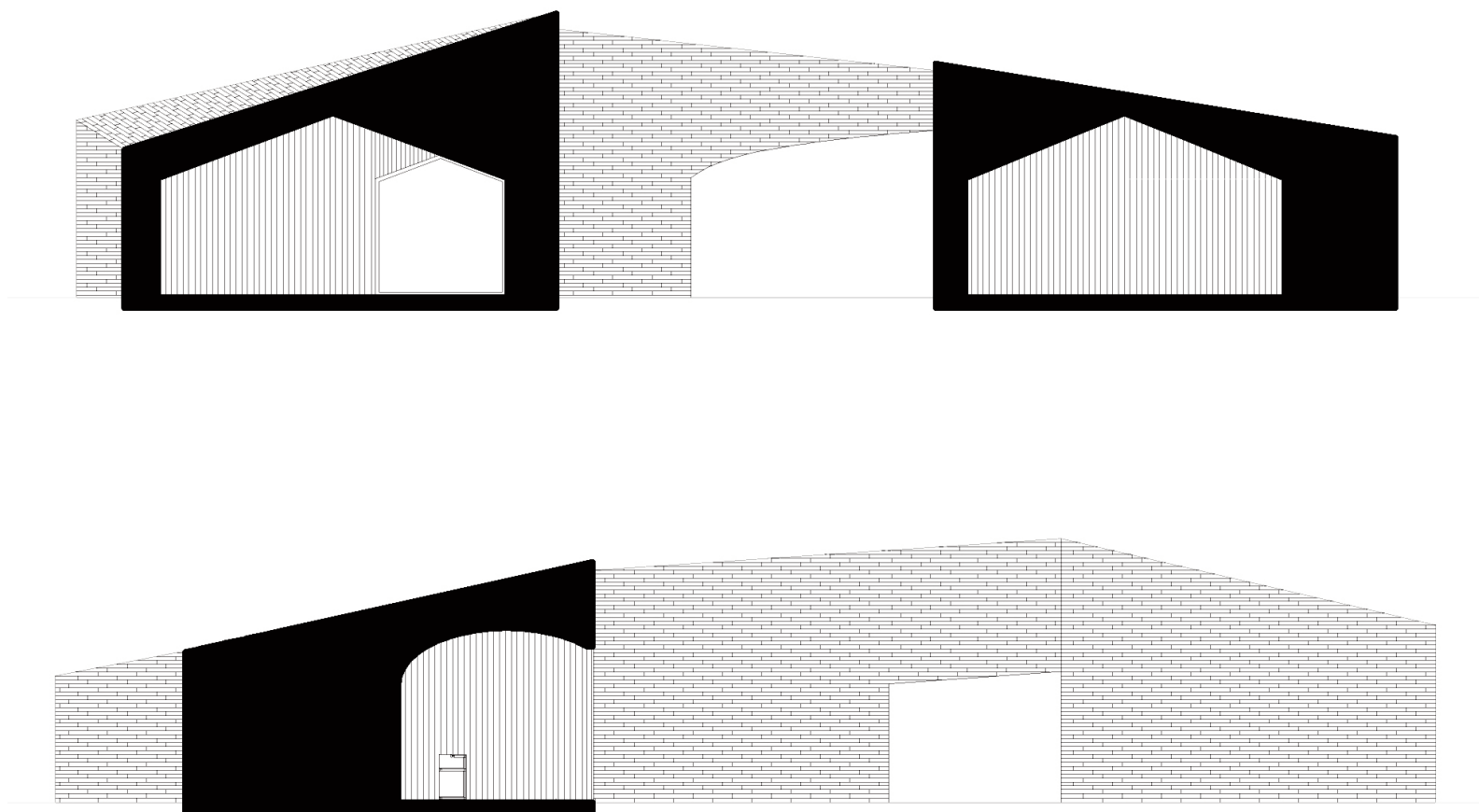
colaboradores: valentino capelo de sousa, mariana barbosa mateus, susana rodrigues, joana simões, catarina belo, francisco caseiro, vânia fernandes, joão caria lopes

paisagismo: João Nunes - PROAP

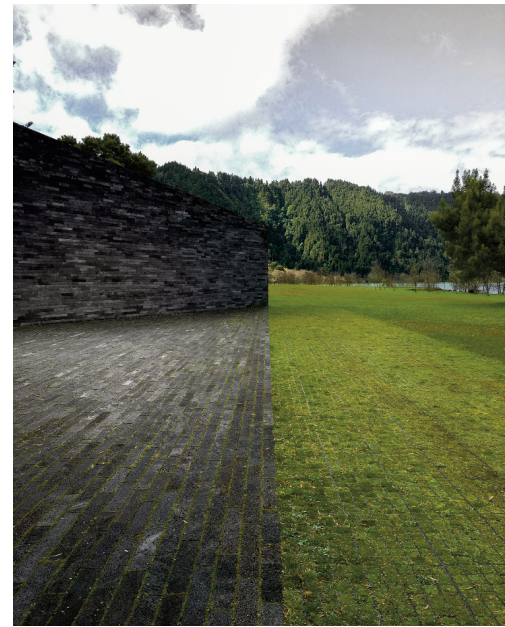
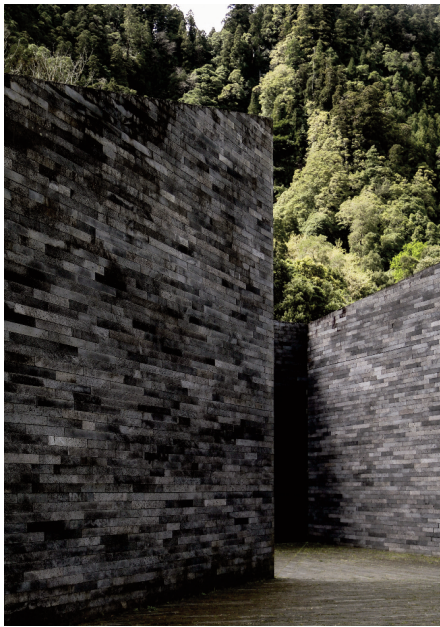
especialidades: AFAssociados

construção: Somague













T1**UMA OUTRA PERSPETIVA
SOBRE A FLORA DOS AÇORES***Luís Silva*

InBIO, CIBIO-Açores,
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade dos Açores

É comum referir-se atualmente que os Açores constituem um destino turístico identificado como sendo de natureza pura. Na realidade, ao nível da flora e da fauna, bem como da paisagem, a situação atual reflete uma já relativamente longa interação entre os povoadores humanos e os ecossistemas naturais, encontrados à data do início do povoamento, no século XV, ou talvez até mais cedo. O termo natureza é carregado de ambiguidade, mas é claro que grandes áreas do território destas ilhas correspondem, atualmente, a paisagens humanizadas.

De facto, embora com variação entre ilhas, presentemente a paisagem é dominada por áreas agrícolas, que correspondem a cerca de 50% do território, sendo que 80% dessas áreas correspondem a pastagens artificiais. Cerca de 30% do território é ocupado por florestas.

No que se refere há área agrícola, o milho forrageiro ocupa atualmente vastas extensões, sendo a área destinada a culturas permanentes, como seja a da vinha, relativamente reduzida. Outras culturas com interesse cultural e gastronómico, que ocupam áreas relativamente pequenas, incluem o inhame, a batata-doce, a pimenta vermelha, a bananeira, o ananás em estufa e a cultura do chá na ilha de São Miguel, e a produção de café na Ilha de São Jorge. Outras, como a cultura da beterraba sacarina, ou do tabaco, parecem em declínio. De qualquer modo, os ecossistemas agrícolas não são ecossistemas naturais, sendo hoje clara a diferença entre uns e outros, já que os primeiros dependem de uma constante entrada de energia, propágulos, fertilizantes, fitossanitários, enquanto os últimos se caracterizam por serem sistemas abertos em que os processos biogeoquímicos prosseguem o seu fluxo, embora atualmente já não livres das pressões advindas das atividades humanas.

Quanto aos recursos florestais, um terço corresponde a zonas remanescentes da floresta primordial, mais ou menos alteradas, um terço a floresta de produção, dominada por *Cryptomeria japonica*, e o restante ao bosque de exóticas geralmente dominado pela espécie invasora australiana, *Pittosporum undulatum*, o chamdo incenso. Estas alterações resultaram, muito

provavelmente, da necessidade inicial de se usarem as madeiras autóctones para a construção e o fabrico de utensílios, e como combustível, e ao crescimento subsequente de florestas secundárias, dominadas por espécies endêmicas ou exóticas dependendo da ilha, e da localização específica. Por exemplo, na Ilha de São Miguel, a transformação terá sido mais profunda, o que originou uma redução e alteração muito significativas das áreas de floresta natural. Por seu lado, na Ilha do Pico, ainda existem áreas de floresta primordial num ótimo estado de conservação, apesar da pressão do gado, dado que foram instaladas pastagens no seio de áreas com grande interesse em conservação. Estes tipos de floresta diferem, de modo muito significativo, ao nível da sua estrutura, composição, funcionamento, bem como dos serviços ecológicos e económicos que facultam.

Há ainda a referir, no que concerne às alterações da paisagem, a introdução de numerosas espécies ornamentais, quer herbáceas, quer arbustivas ou arbóreas, numa época em que, através da influência europeia, se pretendia criar jardins românticos, nos séculos XVIII e XIX, edificadas por ilustres empreendedores.

Deste modo, a flora do Açores é atualmente constituída por uma imensidão de espécies introduzidas ou exóticas e por cerca de 72 elementos endêmicos, sendo que, em geral, os botânicos sugerem a existência de entre 200 e 300 espécies nativas, ou seja, que terão chegado de forma natural aos Açores, mas que habitam também outras paragens, não sendo por isso endêmicas, ou seja, únicas do arquipélago.

Dada a prevalência da vegetação introduzida em várias ilhas, o conhecimento acerca da flora nativa, por parte dos habitantes, tem-se perdido, pelo que a visão da flora aparece muitas vezes associada a espécies exóticas que são já vistas como naturais da região. O caso paradigmático é o da hortênsia ou novelão (*Hydrangea macrophylla*), espécie originária do Japão, e que é plantada por estacaria, sendo por isso os indivíduos clones, o que levou à busca, por parte dos investigadores asiáticos, de populações com maior variabilidade genética, na própria região de origem. Trata-se de uma planta ornamental muito comum em várias zonas do mundo, mas que, curiosamente, foi adotada como emblemática nos Açores, integrando até elementos da heráldica de algumas autarquias. Nas ilhas do Corvo, Flores e Faial, o novelão escapou de cultura e, através de propagação vegetativa, expandiu-se para o interior de áreas naturais, onde origina formações muito densas. No entanto, há quem considere que essa invasão acrescenta um elemento de beleza estética à paisagem dessas ilhas.

De um outro tipo de beleza, menos aparente, é rica a flora dos Açores, escondida nos processos evolutivos que originaram, ao longo de uns curtos milhões de anos, formas únicas e padrões genéticos peculiares.

Assim, ao nível das florestas naturais remanescentes, as florestas apresentariam, no passado, um contínuo de formações vegetais que se iriam substituindo gradualmente, em função da altitude. Começando pelo matos e bosques costeiros de urze ou vassoura, faia-da-terra e pau-branco, a menor altitude, os quais seriam progressivamente substituídos por formações dominadas por louro, e mais acima por cedro e azevinho. Existindo toda uma variedade de herbáceas, fetos e musgos no sub-bosque e a cobrir os troncos das florestas primordiais.

Alguns elementos da flora apresentam padrões evolutivos ou genéticos que espelham, de algum modo, a descontinuidade geográfica do arquipélago, bem como as diferentes idades das ilhas que o constituem. Assim, como exemplo, o dente-de-leão dos Açores, também chamado de patalugo, inclui três espécies, uma correspondente à Ilha de São Miguel (*Leontodon rigens*), outra ao grupo central (*Leontodon filii*), e uma terceira ao grupo ocidental (*Leontodon hochstetteri*).

Um outro exemplo curioso é o da alfacinha (*Lactuca watsoniana*), espécie aparentada com a alface (*Lactuca sativa*). Verificou-se a existência de padrões genéticos próprios de cada uma das ilhas onde ainda existe esta planta, nomeadamente, São Miguel, Terceira, Faial e Pico. Curiosamente, no Pico existem dois agrupamentos genéticos, provavelmente separados pela montanha. Trata-se de uma planta cujas populações mais bem preservadas se encontram na ilha mais jovem dos Açores, o Pico, visto que é muito afetada pela presença de herbívoros e por distúrbios nas zonas de floresta natural aberta e húmida onde existe naturalmente. Atualmente é dada como extinta na Ilha de São Jorge.

Finalmente, refiro aqui o exemplo de *Veronica dabneyi*, planta herbácea ainda comum nas ilhas das Flores e do Corvo, mas que estará extinta no Faial. Neste caso, não se vislumbram agrupamentos genéticos distintos, existindo mistura genética entre as diferentes populações. Curiosamente, usando métodos de modelação estatística, com base na sua distribuição atual nas ilhas do grupo ocidental, foi possível prever as localizações mais favoráveis para a sua existência na Ilha do faial, precisamente a zona da Caldeira, que é referida em registos históricos relativos à presença desta espécie. Também esta espécie parece existir, essencialmente, em zonas de refúgio, devido à ação dos herbívoros, incluindo a cabra, e à expansão das invasoras, como seja o novelão.

Muitos outros exemplos existem, do interesse científico do estudo da flora dos Açores, incluindo, por exemplo, o uso de modelação estatística para prever a distribuição potencial de espécies invasoras, como o referido incenso, e das espécies nativas com as quais compete, como seja a faia-da-terra, concluindo-se que apresentam um nicho ecológico muito semelhante. Ou também os estudos relativos à possibilidade de usar a biomassa do incenso para a produção de energia.

Sem dúvida, o interesse científico da flora dos Açores e a investigação dedicada ao seu estudo, continuarão a revelar, no futuro, o interesse e a beleza associada ao vislumbrar dos processos evolutivos que originaram a flora autóctone, e dos processos históricos que levaram à sua alteração até aos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

Borges Silva L, Teixeira A, Alves M, Elias RB, Silva L (2017). Tree age determination in the widespread woody plant invader *Pittosporum undulatum*. *Forest Ecology and Management*, 400: 457-467. Doi:10.1016/j.foreco.2017.06.027.

Costa H, MJ Bettencourt, CMN Silva, J Teodósio, A Gil & L Silva (2013) Invasive alien plants in the Azorean protected areas: invasion status and mitigation actions. In Foxcroft LC, P Pyšek, DM Richardson & P Genovesi (eds.) *Plant Invasions in Protected Areas: Patterns, Problems and Challenges*, pp. 375–394. Springer, Dordrecht.

Dias EF, Moura M, Schaefer H, Silva L (2016). Geographical distance and barriers explain population genetic patterns in an endangered island perennial. *AoB Plants*. <http://aobpla.oxfordjournals.org>

Elias RB, Gil A, Silva L, Fernández-Palacios JM, Azevedo E, Reis F (2016). Natural zonal vegetation of the Azores Islands: characterization and potential distribution. *Phytocoenologia*, 46 (2): 107-123.

Lourenço P, V Medeiros, A Gil, L Silva (2011) Distribution, habitat and biomass of *Pittosporum undulatum*, the most important woody plant invader in the Azores Archipelago. *Forest Ecology and Management*, 262:178-187.

Moura M., Silva L., Dias, E. F., Schaefer H. & M. A. Carine (2015) A revision of the genus *Leontodon* in the Azores based on morphological and molecular evidence. *Phytotaxa*, 210(1): 024–046.

Silva L, E Ojeda Land & JL Rodríguez Luengo (eds.) (2008) *Invasive terrestrial flora and fauna of Macaronesia. Top 100 in Azores, Madeira and Canaries*. ARENA, Ponta Delgada, 546 pp.

Silva L, EF Dias, J Sardos, EB Azevedo, H Schafer & M Moura (2015) Towards a more holistic research approach to plant conservation: the case of rare plants on oceanic islands. *AoB Plants*, doi: 10.1093/aobpla/plv066.

Silva L, M Martins, G Maciel & M Moura (2009) *Flora Vascular dos Açores. Prioridades em Conservação*. Azorean Vascular Flora. Priorities in Conservation. Amigos dos Açores & CCPA, Ponta Delgada, 116 pp.

Silva LD, Brito de Azevedo E, Elias RB, Silva L (2017) Species Distribution Modeling: Comparison of Fixed and Mixed Effects Models Using INLA. *International Journal of Geo-Information*, 6, 391. Doi:10.3390/ijgi6120391.



P2

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Luís Francisco Gomes de Menezes

DATA

2008/2009



A Igreja de Nossa Senhora de Fátima nasce de uma aspiração longa e persistente, mais de 25 anos de projectos, participações e doações, por parte da comunidade do Lagedo para possuir Templo próprio e acompanhar activamente o crescimento verificado da Paróquia de S. José. O terreno cedido para o Templo reunia as condições mais favoráveis na envolvente, sobranceiro e com boa exposição. A fraca qualidade da envolvente urbana desprovida de referências arquitectónicas elevou as duas palmeiras centenárias existente no próprio terreno à referência do lugar.

Urbanisticamente procurou-se disciplinar a malha urbana existente, propondo-se para este efeito a abertura de uma nova via, secundária, que para além de resolver situações de impasse viário cria novos lugares de estacionamento muito necessários ao local. Paisagisticamente o terreno envolvente ao Templo, a nascente, onde se situam as duas palmeiras centenárias preservadas foi tratado como espaço verde. A Sul foi pensado para Adro o que exigiu, dada a sua topografia, à realização de muros de contenção periféricos, com taludes verdes, que se remataram com acessos, escadas, nos seus topos.

O EDIFÍCIO PROPOSTO TINHA COMO PROGRAMA:

Ser um templo, católico, dedicado a Nossa senhora de Fátima, para aprox 500 pessoas, com espaços de apoio para a catequese e actividades paroquiais.

(Ao programa está associada uma forte preocupação de contenção dos custos na sua execução.)

Optou-se por um templo em nave única, com distribuição em “bataglione”, com entrada a Sul, segundo um eixo Sul-Norte, na lógica estruturante do “Cardo-Decumanos”.

O percurso interior estrutura-se com base no pedido da Comissão de Arte Sacra de localizar próximo da entrada, a Sul, o Baptistério e desenvolve-se de acordo com as etapas da liturgia: Baptismo; Palavra / Ambão; Celebração / Altar e Santíssimo.

Do Baptistério nasce um percurso de água que acompanha este percurso, reflectindo a Luz, até à sombra de uma Azinheira e à “Capela da Reconciliação”.

O “axis” formado pelo conjunto: Baptistério; Água (Luz); Árvore (Vida) e Capela da Reconciliação, estabelece a ligação com espaços da vida mundana : Sacristia ; Arquivo e Catequese.

A imagem exterior é propositadamente depurada, em volumes simples de linhas rectas, por forma a sobressair da confusa envolvente arquitectónica.

Foi pensada para ser despojada de ornamentos mas com materiais de revestimento nobres e de durabilidade:

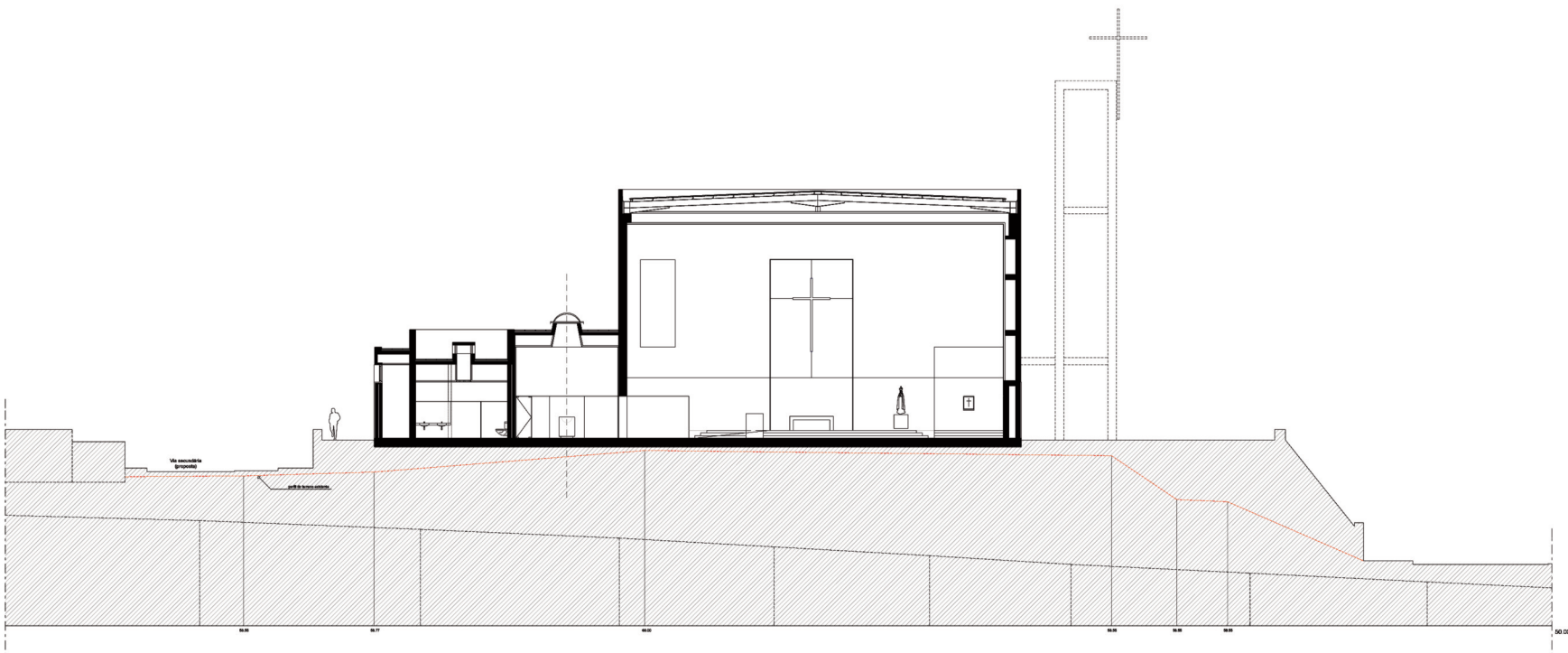
Basalto local ; Mármore branco Estremoz., Madeira de Afizélia.

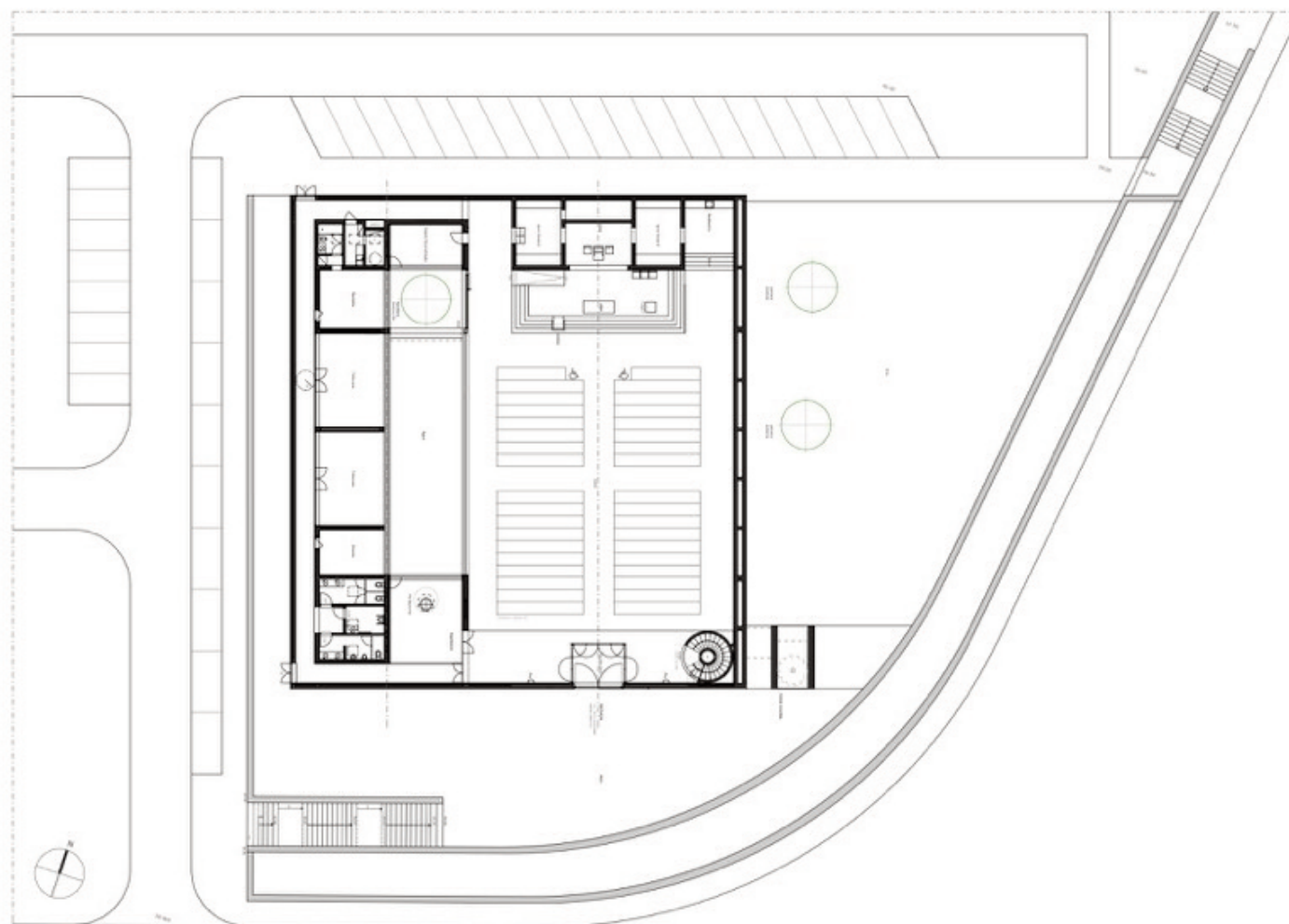
A torre sineira, independente, é executada em betão aparente, expondo a sua estrutura.

Dono de obra: Paróquia de São José

Estabilidade e especialidades: Eng. Haiane Madeira

Construtora: Marques Lda - construtora

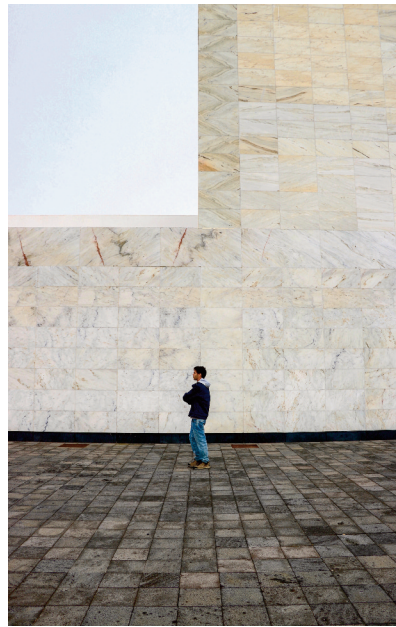














P3

PLANO DE ORDENAMENTO DA BACIA HIDROGRÁFICA DA LAGOA DAS SETE CIDADES

Eduardo Souto de Moura / Adriano Pimenta

DATA

1ª Fase 2007/2012 • 2ª Fase 2007/2013



No tratamento das margens das Lagoas trabalhou-se com as seguintes premissas e objetivos: a implantação, o desenho urbano, a construção de zonas de concentração de infraestruturas e de equipamentos de uso recreativo e, o respetivo enquadramento paisagístico de modo a permitir a fruição destes espaços pela comunidade.

Sendo a Lagoa das Sete Cidades um local em que existem vários “momentos”, a proposta adapta-se ao contexto da envolvente.

Os edifícios são compostos por uma estrutura metálica modular com múltiplos de módulos de 6,00m x 6,00m e 6,00m x 5,00m. Desta forma adequa-se o número de módulos necessários para cada equipamento. Qualquer um destes equipamentos tem como regra geral a estrutura metálica que o modula, sendo que em alguns é preenchida por painéis e noutros preenchida apenas com caixilharia.

Os equipamentos de utilização reservada (Hangar de Barcos, Balneários e Serviços de Apoio) são edifícios totalmente fechados por painéis de modo

a simular a pedra de basalto característica do Açores, mas com características físicas mais vantajosas para a qualidade de construção.

Os restantes edifícios (Clube de Vela e Café-Snack) são compostos por uma metade do edifício fechado com os referidos painéis e outra metade com caixilharia do tipo “Vitrocsa”, sendo que a fachada envidraçada é virada para a Lagoa e para o eixo viário marginal. As entradas para os edifícios realizam-se lateralmente. Quando necessário, os equipamentos dispõem de um pátio interior anexo a uma área técnica, para colocação de equipamentos de térmica e ventilação.

Datas do Projecto: 1ª Fase 2007/2012 • 2ª Fase 2007/...

Morada: Lagoa das Sete Cidades

Localidade: São Miguel, Açores

Cliente: AZORINA Sociedade Gestão Ambiental e Conservação Natureza
SA - Secretaria Regional do Ambiente e do Mar

Colaboradores: Ana Ferreira, Maria Vasconcelos, João Jesus,
Paulo Morgado, André Campos, Tiago Coelho

Paisagismo: ARQT.OF

Engº. Estruturas: AFA CONSULT

Engº. Electricidade: AFA CONSULT

Engº. Inst. Mecânicas: AFA CONSULT

Engº. Águas e Esgotos: AFA CONSULT

Engº. Arruamentos: AFA CONSULT

Construtor: 1ª Fase Consórcio - Somague

Autor: Eduardo Souto de Moura / Adriano Pimenta + Tecnovia

Área total da Intervenção (1ª Fase e 2ª Fase): 348754.00m²

1ª FASE – 174000.00m²

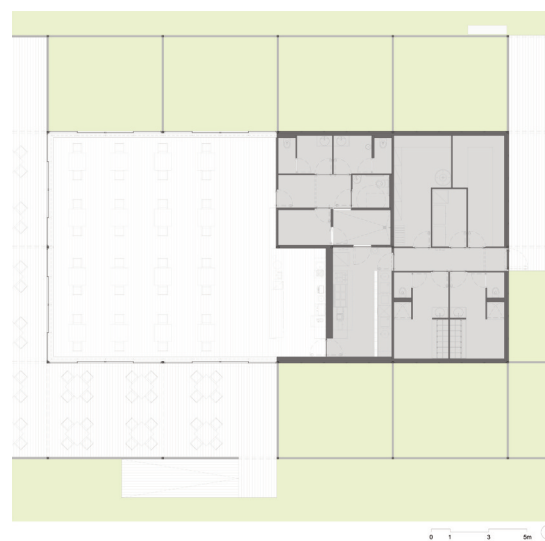
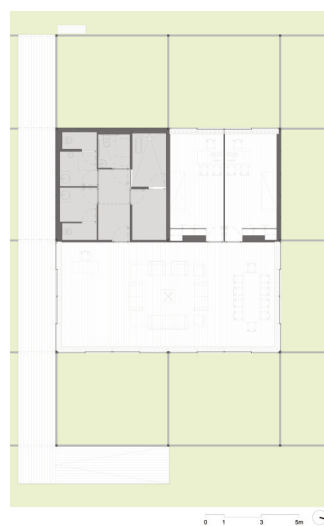
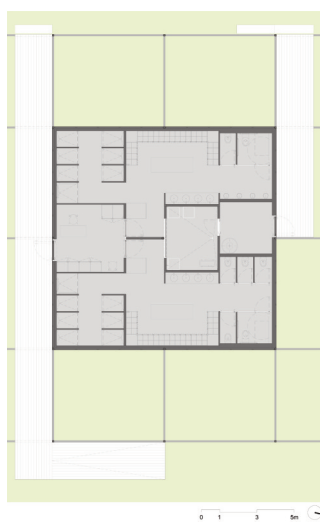
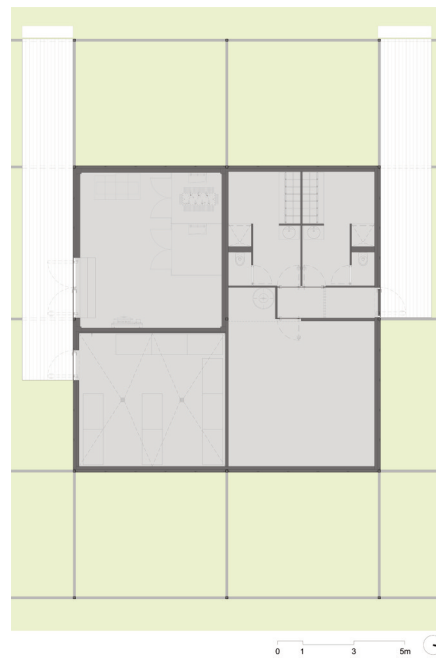
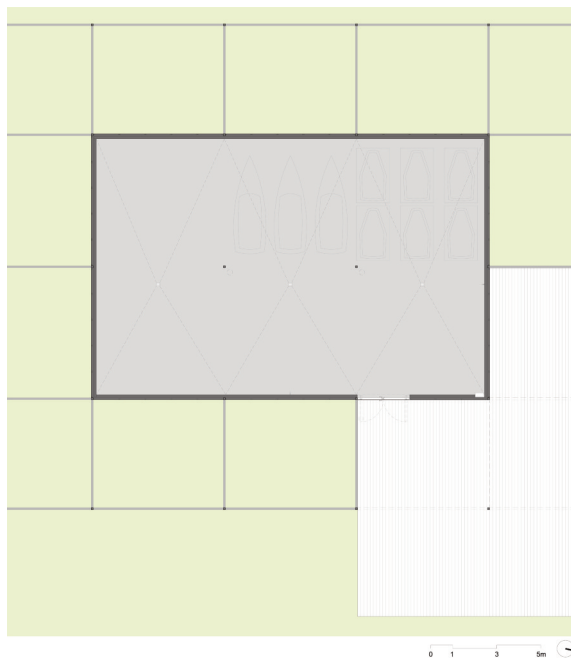
Área de Equipamentos: 1.207,90m²

(Hangar de Barcos, Balneários, Serviços de Apoio, Clube de Vela e Café-Snack)

2ª FASE – 174754.00m²

Área de Equipamentos: 142.51m² (Casa de Chá)









T2

ASPETOS DA ARQUITETURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA LOCAL

Nuno Costa

Arquiteto e Professor
na Faculdade Ciências Sociais
e Humanas da Uaç

1



A arquitetura Moderna nos Açores é marcada pela obra de três açorianos.

Manuel António de Vasconcelos, Eng. Químico, é considerado o pioneiro do Modernismo. Viveu entre a engenharia de formação e a arquitetura por vocação, traduzido no mobiliário e nas artes gráficas. Da sua obra, destaca-se o Casino das Furnas (1933-37), o Hotel Terra Nostra (1935), e as casas de Família (1939) e a Dr. Michael Friedmann (1939), que evidenciam o gosto pela arquitetura Modernista e Art Déco e a influência flamenga de A. Claessens.

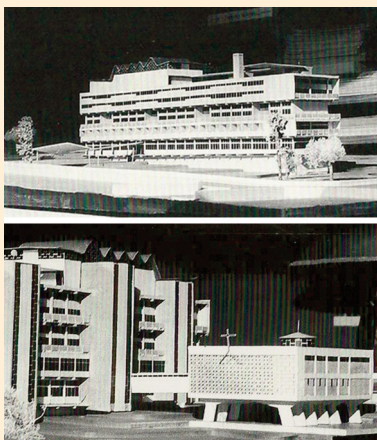
João Correia Rebelo, Arquiteto, foi o mais fiel à Escola da Bauhaus. Lançou o famoso panfleto-manifesto “não!”, em 1953, a favor da modernidade. A sua obra, por J. M. Fernandes, é “bem representativa da melhor arquitetura contemporânea no nosso País”. No Colégio de S. F. Xavier (coautoria, 1955-58), Seminário do Sr. S.to Cristo (1958-66) e Estalagem da Serreta (1960-63) realiza a síntese da história da arquitetura contemporânea de Corbusier, Niemeyer, Wright e Aalto.

2

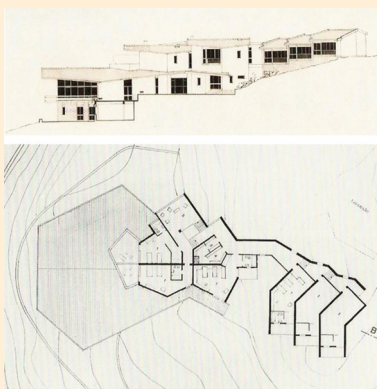


Eduardo Read Teixeira, Arquiteto e Urbanista, foi mais eclético. Foi professor na ESBAL e desempenhou diversos cargos em vários Ministérios. Organizou a 1ª Exposição Mundial de Arquitetura Hospitalar. Da sua obra, destaca-se a casa Deodato Soares (1942-43), que expressa a vontade pela contemporaneidade, a Escola Industrial e Comercial de P. Delgada (1965), dentro do organicismo de Gropius, e a Igreja de S. José (1960-67), desconstrutiva e moderna. Todos evidenciam qualidade e dimensão estética e cultural.

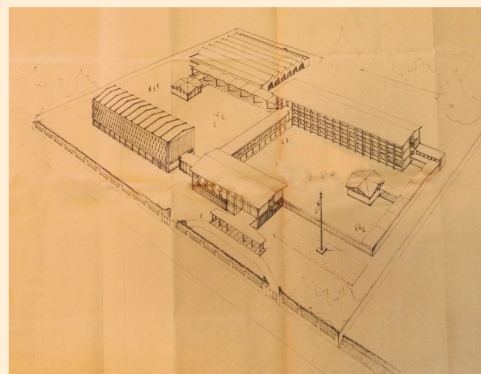
3



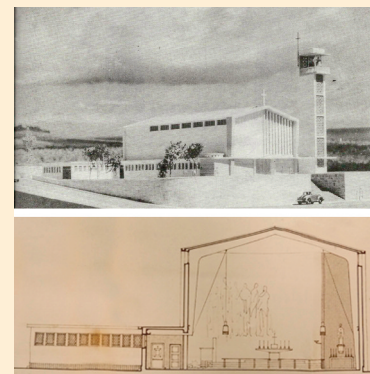
4



5



6



01 – MAV – TRABALHOS GRAFICOS

Trabalhos gráficos: Banda desenhada para a revista Os Açores (1928); O Dia do Turista - Às Portas da Cidade, aguarela (1933); Desenho, Paris (1930); Caricatura do Eng.º Fernando Albuquerque Ataíde Marques Moreira, aguarela (1932); Capa do livro O Clamor das Sombras (1933); Logotipo da Sociedade dos Produtores Açorianos de Papel, tinta-da-china (1952); Pacote de açúcar para a Fábrica de Açúcar de Santa Clara (sem data); e Cartaz de promoção turística (sem data).
Fonte: CORDEIRO, Cristina, Manuel António de Vasconcelos, pioneiro da arquitetura modernista, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2016.

02– MAV– TERRA NOSTRA

Fotografia antiga do Hotel Terra Nostra, Furnas.

Fonte: CORDEIRO, Cristina, Manuel António de Vasconcelos, pioneiro da arquitetura modernista, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2016.

03 – JCR – SEMINARIO

Fotografia da maquete do Seminário Diocesano do Senhor Santo Cristo, da autoria de João Correia Rebelo.

Fonte: AAVV, João Correia Rebelo – Um Arquitecto Moderno nos Açores, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura, 2002.

04 – JCR ESTALAGEM DA SERRETA

Alçado e planta do projeto da Estalagem da Serreta, ilha Terceira, da autoria de João Correia Rebelo.

Fonte: AAVV, João Correia Rebelo – Um Arquitecto Moderno nos Açores, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura, 2002.

05 – ERT – ESCOLA INDUSTRIAL

Perspetiva axonométrica da Escola Industrial e Comercial de P. Delgada, da autoria de Read Teixeira.

Fonte: Arquivo da escola Secundária Domingos Rebelo.

06 – ERT – IGREJA RIBEIRA CHÃ

Maquete da Igreja de S. José da Ribeira Chã e corte transversal.



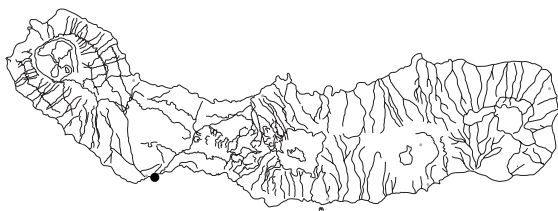
P4

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Pedro Machado Costa / Celia Gomes

DATA

1997/2004



A Biblioteca Central encontra-se no limite norte do Campus Universitário de Ponta Delgada, próximo dos limites da cidade; ocupando uma estreita parcela de terreno junto ao parque de estacionamento automóvel da instituição.

O programa de Concurso obrigava à manutenção de um pequeno edifício a sul que, embora não detendo qualquer tipo de qualificação arquitectónica, deveria ser parte integrante da nova biblioteca. Do mesmo modo o programa funcional pressupunha a ocupação total do perímetro disponível; devendo o novo edifício confrontar-se não só com a enorme dimensão do parque de estacionamento (a Este) com a escala fragmentada da área urbana que confronta o Campus (a Norte).

Nesse sentido, e para além daquilo que a nova biblioteca poderia propor em termos arquitectónicos, pressupunha-se desde logo que o edifício constituísse um remate para todo o perímetro do Campus Universitário, dialogando de forma distinta com as suas frentes: a “fachada urbana”, mais consentânea com a irregularidade e a escala da cidade; e a “fachada universitária”, dotada de uma imagem clara, institucional, que permitisse relacionar-se com a grande escala do “vazio” (o parque de estacionamento) e, simultaneamente, que possibilitasse revelar a natureza do seu conteúdo funcional.

A organização funcional da biblioteca inicia-se no edifício preexistente, a que são sobrepostos um conjunto de espaços abertos entre si, dispostos a diferentes níveis altimétricos. A ligar estes vários plateaux, um conjunto de rampas atravessa longitudinalmente todo o edifício, estruturando toda a sua organização interna. Este sistema de rampas, de uso público, permite não só o acesso a todas as salas de leitura, mas também, sobretudo, a iluminação natural da biblioteca; ao mesmo tempo que possibilita uma ligação (interior) entre a Cidade de Ponta Delgada e o Campus Universitário.

Um outro percurso funcional, destinado aos serviços internos da biblioteca, percorre os mesmos espaços pela periferia do edifício, permitindo a ligação das salas de leitura aos espaços destinados ao tratamento e depósito de acervo bibliográfico; sem que este circuito se cruze com o destinado aos leitores.

As três principais salas de leitura encontra-se entre ambos os circuitos; sendo a forma de cada uma delineada pelo modo que um e outro circuito funcional se organizam.

Cada uma das Salas de Leitura assume o seu próprio carácter, tendo em conta a sua natureza específica e o tipo de usos previstos; partilhando sempre relações visuais entre elas.

A variação da exposição solar em cada sala contribui para a distinção dos espaços internos, adaptando-os a usos distintos.

A entrada da Biblioteca aproveita um espaço vazio entre o antigo edifício e a nova construção, que assenta num pedestal em pedra. Sobre ele, uma estrutura regular de betão (texturado, e com a memória dos painéis de madeira que lhe deram forma) configura o volume do edifício, cujo interior é encerrado por enormes panos de vidro encaixilhado.

Ao alçado nascente (aquele que confronta o Campus Universitário, e o parque de estacionamento) é justaposta uma outra estrutura, que permite o controle lumínico do interior.

Ao mesmo tempo, este brise-soleil funciona como uma espécie de véu, possibilitando uma multiplicidade de leituras do edifício: de longe, o alçado parece ser totalmente opaco, reflectindo o vermelho oxidado do aço cor-ten; mas à medida que nos aproximamos, percebemos que os painéis de aço distendido permitem um diálogo franco entre interior/exterior.

O antigo edifício, que serva agora como átrio da nova biblioteca, é revestido por uma pele de zinco.

ESPECIALIDADES

Arquitectura Paisagista: Isabel Azevedo

Fundações e Estruturas: Ara (Fernando Rodrigues)

Instalações e Equipamentos Hidráulicos: Tecnoper (Carlos Mercês de Mello)

Instalações e Equipamentos Eléctricos, Telecomunicações

e Informática: Tecnopert (Francisco Mercês de Mello)

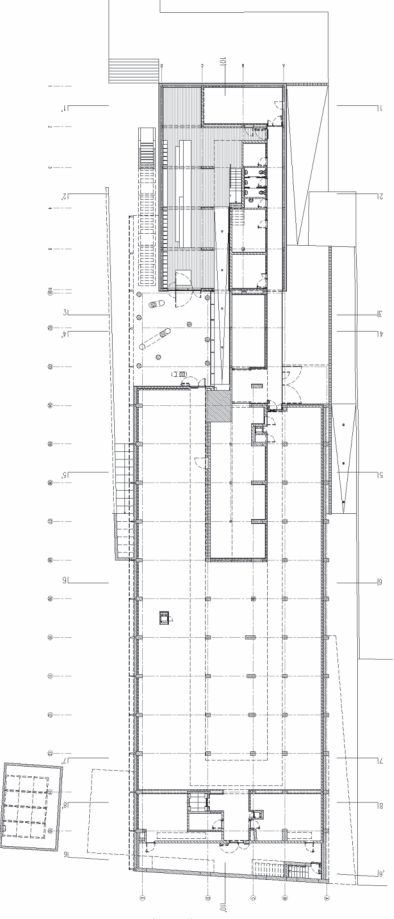
Instalações e Equipamentos Mecânicos: Tecnopert

(Francisco Mercês de Mello, Campos Costa)

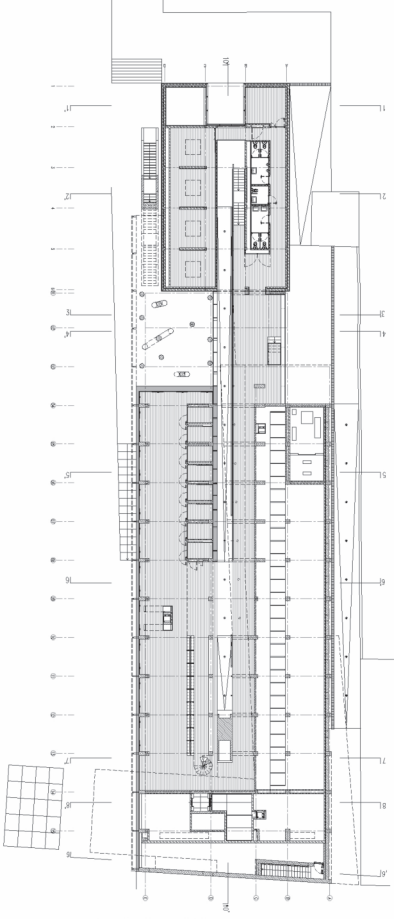
Instalações e Equipamentos de Segurança Integrada: Victor Reis

ENCOMENDA

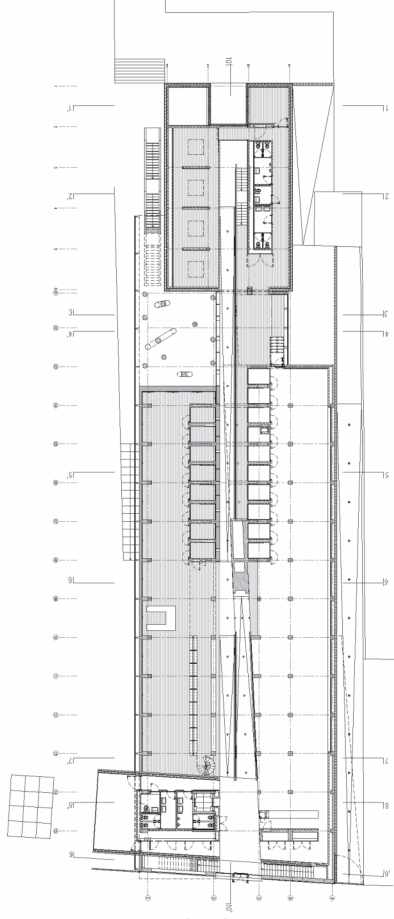
Universidade dos Açores



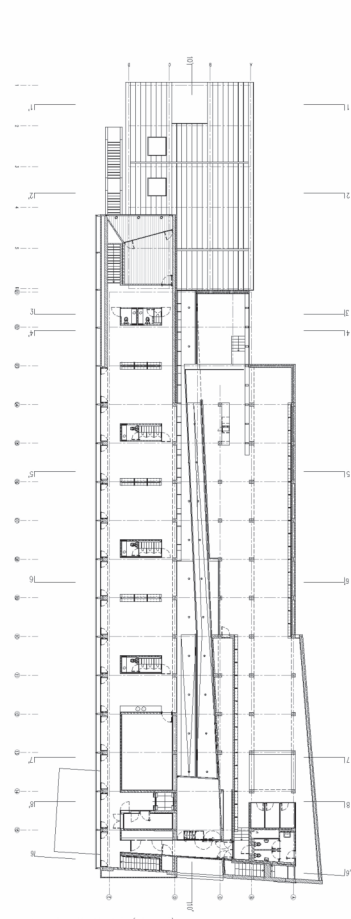
cota 42.63 (piso 0)



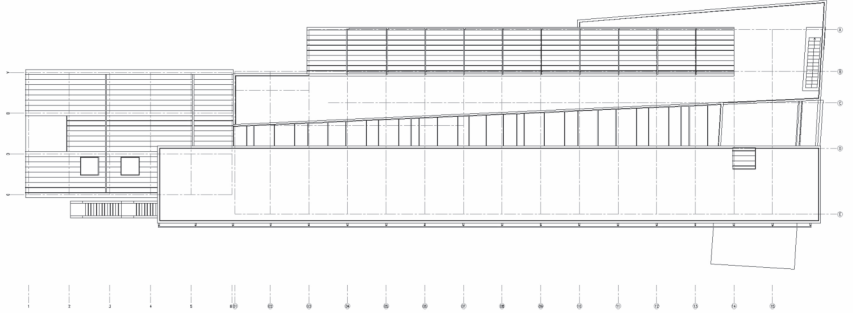
cotas 42.63 + 45.63



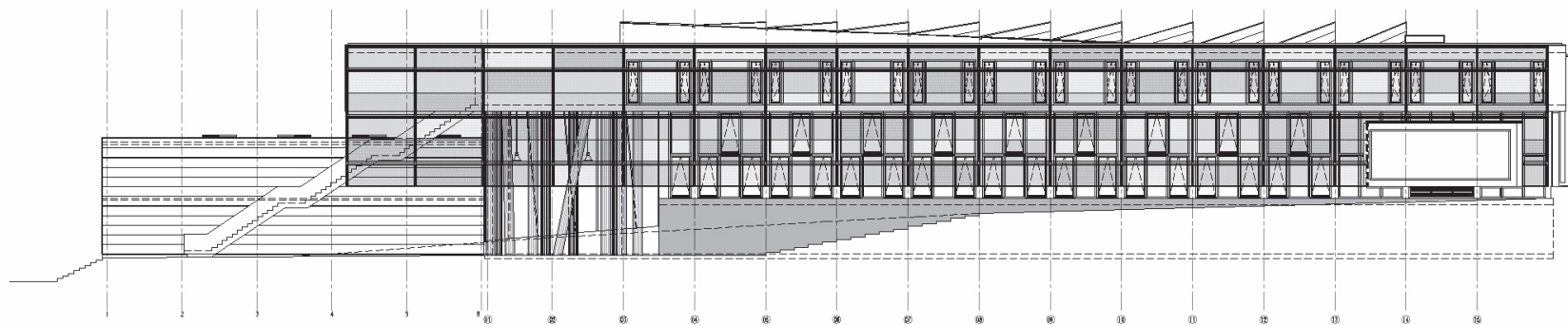
cotas 45.63 + 46.58 (piso 1)



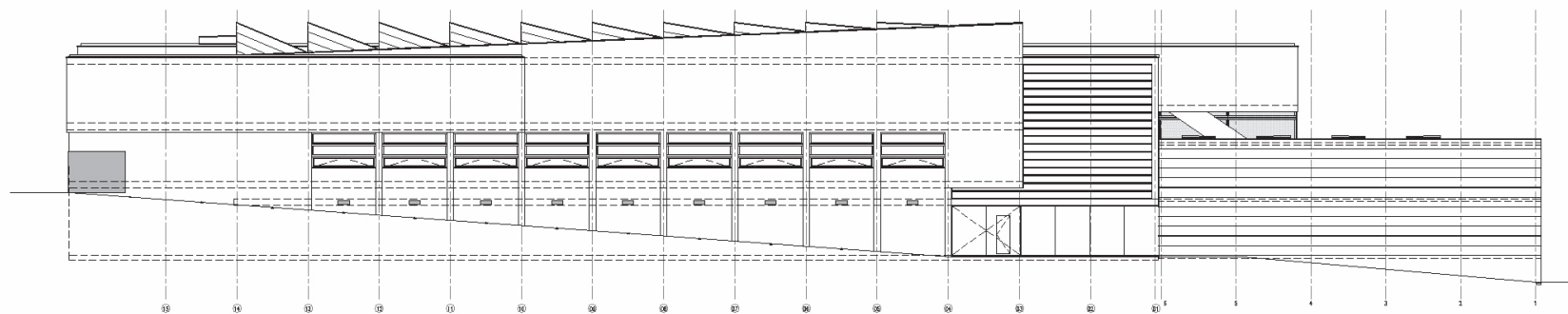
cotas 49.68+50.63 (piso 2)



piso de cobertura



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO POENTE











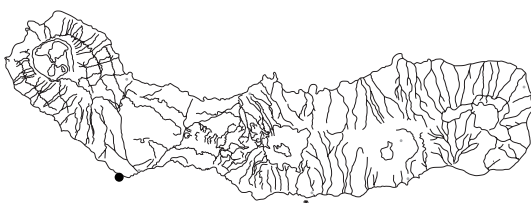
P5

CORPO DE ANFITEATROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Inês Lobo, Pedro Domingos

DATA

1997/1999



A paisagem do Campus é recortada pelas parcelas estreitas e alongadas da alameda do Relvão e do Jardim romântico, que ascendem no ponto mais alto aos edifícios dos serviços meteorológicos e da Reitoria, que se recortam no horizonte.

O Relvão é uma estrutura impressionante de alinhamentos desfasados de árvores de grande porte, contido por muros laterais, contrariamente ao Jardim romântico, de percursos de água e caminhos sinuosos, composto por caprichosos grupos de árvores exóticas e limitado por duas sebes de árvores e arbustos laterais à clareira central.

É numa estreita faixa entre estes dois universos, geométrico e orgânico (mas no entanto monumentais), que se inscreveram um após outro, os novos volumes escolares. Os Anfiteatros, próximos ao edifício da Reitoria, e num ponto já elevado e visível de todo o Jardim, aparecem por entre o arvoredado lateral, como figuras cristalizadas que emergem de um manto basáltico. Esta laje de matéria basáltica, é simultaneamente "natureza", nesta paisagem vulcânica, e artifício, porque contem a cavidade da construção das salas, sob o chão visível a partir do Jardim.

A partir da praça existente a norte, o plano de basalto, contínuo, estende-se até ao edifício mais próximo, libertando a superfície como um percurso possível por entre os dois Jardins existentes. Suspensos sobre a laje da praça-prolongada, os volumes brancos dos pequenos anfiteatros contrastam com a densidade escura da folhagem envolvente, e com o volume vítreo e transparente dos átrios que contêm como que uma segunda praça, recolhida do espaço do Jardim.

O plano de praça superior, é marcado por três objectos singulares: os lanternins oblíquos, e um novo exemplar de Metrosideros, emergentes do pavimento. O plano da praça inferior, espaço aberto e envolvido por vegetação, permite a partir de uma pequena abertura na sebe lateral do Jardim, paragem para descargas técnicas e estacionamento eventuais. Apesar de fora dos limites dados, esta laje-base precisa inevitavelmente de se estender até aos limites dos edifícios contíguos, de forma a dar a impressão de que algo de familiar se interpôs entre os Jardins existentes.

CAIXA DE VIDRO

Caixa de vidro pousada sobre o basalto. Pressupõe-se que este espaço funciona para todo o Campus Universitário como espaço de lazer e permanência. A sua relação directa com a praça permite que esta se use como esplanada.

No átrio, topo norte, desenha-se o sistema de acessos que faz a ligação vertical entre as áreas públicas do "Corpo de Anfiteatros", nomeadamente o átrio, sala de exposições, foyer interior /exterior e Anfiteatro Grande.

É também a partir dos dois topos, norte e sul, que se faz o acesso aos dois outros anfiteatros.

A escolha de construir um pavilhão de jardim, onde a transparência é a possibilidade de atravessamento visual que permite o confronto entre as duas massas vegetais, fez eleger o vidro como material de construção desta "caixa".

TÚNEIS AÉREOS

Estamos dentro de "túneis aéreos" limitados pela paisagem. No interior as superfícies são estucadas a branco., os tectos são lisos, a sua forma acentua

a relação com a paisagem. Dois painéis acústicos revestidos a tecido “TOLLE VERRE” branco, discos entalados entre chão e tecto, são colocados desenhados nas duas paredes opostas da sala.

O envidraçado poente é encerrado pelo interior, com um cortinado "black-out" que permite o obscurecimento total da sala. No topo nascente, o átrio (com escada e elevador de acesso) será pelo contrário, continuamente inundado de luz natural.

EXPOSIÇÕES

Com ligação ao exterior directa a partir do átrio/bar pelos dois topos, norte e sul. A sala funciona como espaço de prolongamento do foyer do anfiteatro grande, é simultaneamente um espaço de grande autonomia, já que permite a ligação directa com as praças norte e sul.

Está voltada para nascente onde a fachada se recorta para encaixar três pátios no piso inferior. Os três vãos da sala são fixos, junto a estes “U's” em vidro funcionam três painéis pivotantes que permitem subdividir este espaço. Os painéis são também suportes expositivos.

ANFITEATRO

É o espaço central de todo o edifício. Esta sala parcialmente enterrada é composta por duas coxias laterais, plateia, palco, áreas de apoio ao palco e cabines de projecção, sonoplastia, luminotécnica e duas cabines de tradução simultânea com respectiva sala de descanso e instalação sanitária.

As coxias laterais são simultaneamente o espaço de acolhimento do público e o espaço que contém todas as infraestruturas de apoio à sala, ar condicionado, iluminação, som e equipamento de segurança. São também os espaços onde faz a correcção acústica da sala.

Separa a plateia deste mundo carregado de infraestruturas um sistema de portadas pivotantes, com altura variável entre os 5 e 8 m de altura, em alumínio revestidas a tecido “TOLLE-VERRE” negro. Esta película muito fina e transparente iluminada no tardo transformo o mundo técnico, existente nas coxias, em vultos que “desenham” o tecido conjuntamente com a presença das pessoas em movimento. O interior da sala é uma caixa de tecido negro.

Na praça sul, junto às entradas de serviço, situam-se as áreas de carga e descarga. O acesso ao palco é feito através de uma plataforma elevatória com 6m por 2m. Uma escada na praça sul dá acesso directo ao átrio de serviços que liga aos camarins e sala de aderessos.

Todas estas áreas de apoio ligam directamente ao interior do edifício, nomeadamente ao foyer do auditório grande.

colaboradores: pedro oliveira, ivan teixeira, rita zina

espaços exteriores: joão gomes da silva

estruturas: antónio adão da fonseca e pedro morujão

hidráulica: paulo silva

climatização: josé galvão teles

electricidade e telecomunicações e segurança integrada: joão caxaria

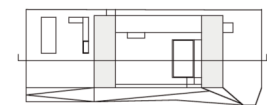
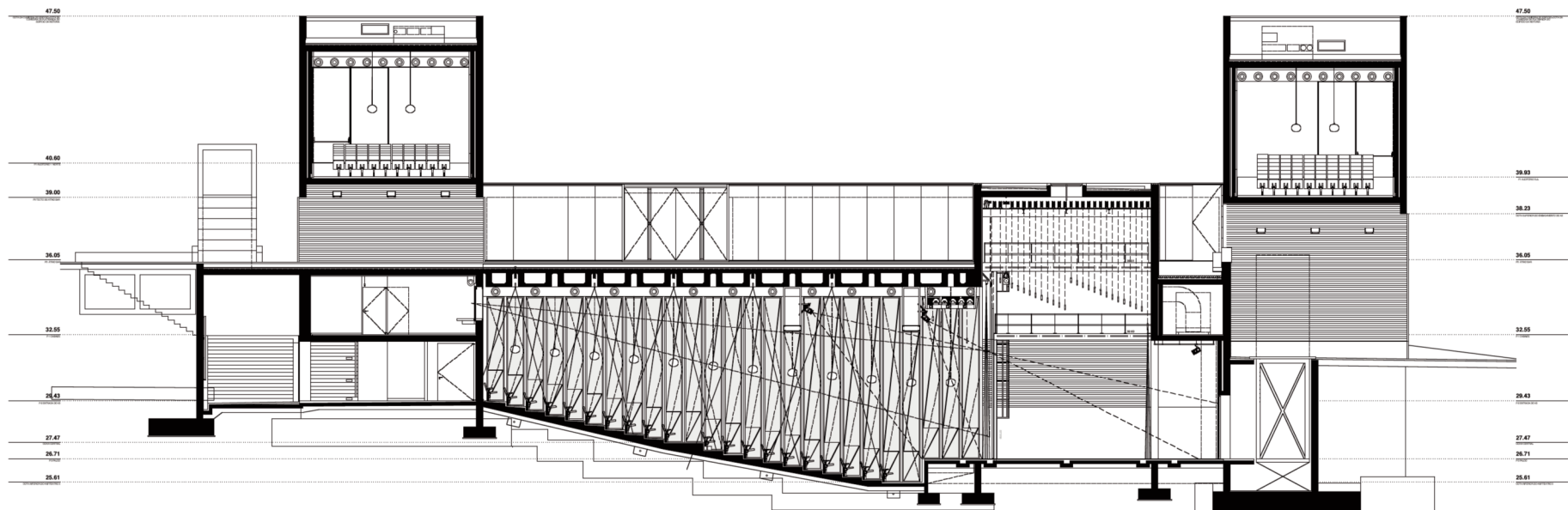
consultor de acústica: pedro martins da silva

consultor de espaços cénicos: luís varela, jean michel debuais, jean michel fayette

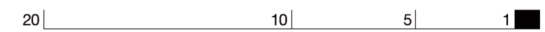
computação gráfica: joão rosário

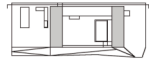
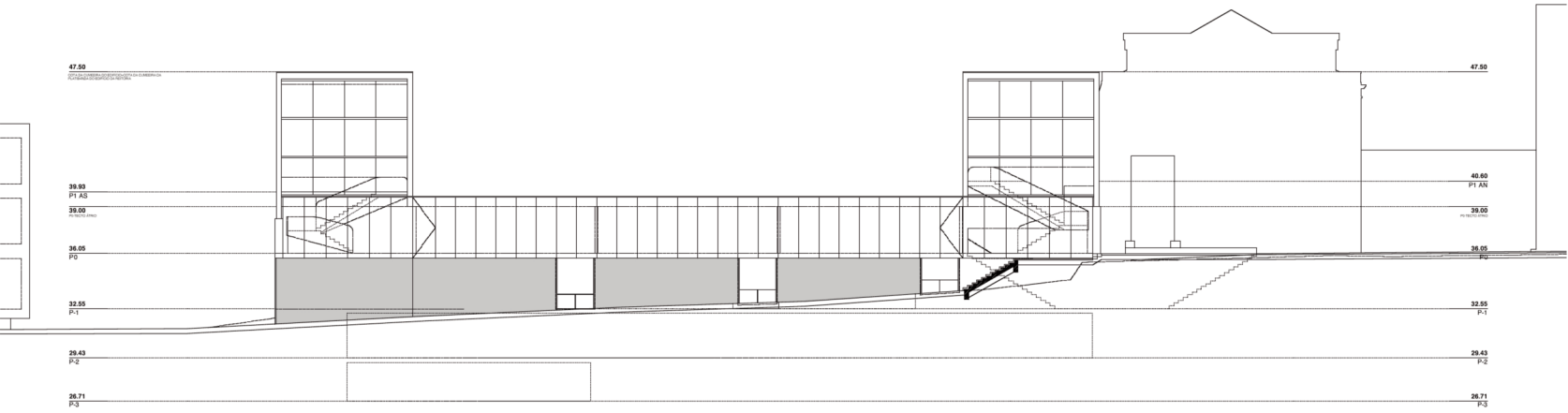
obra: 2000/2003

dono de obra: universidade dos açores



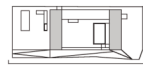
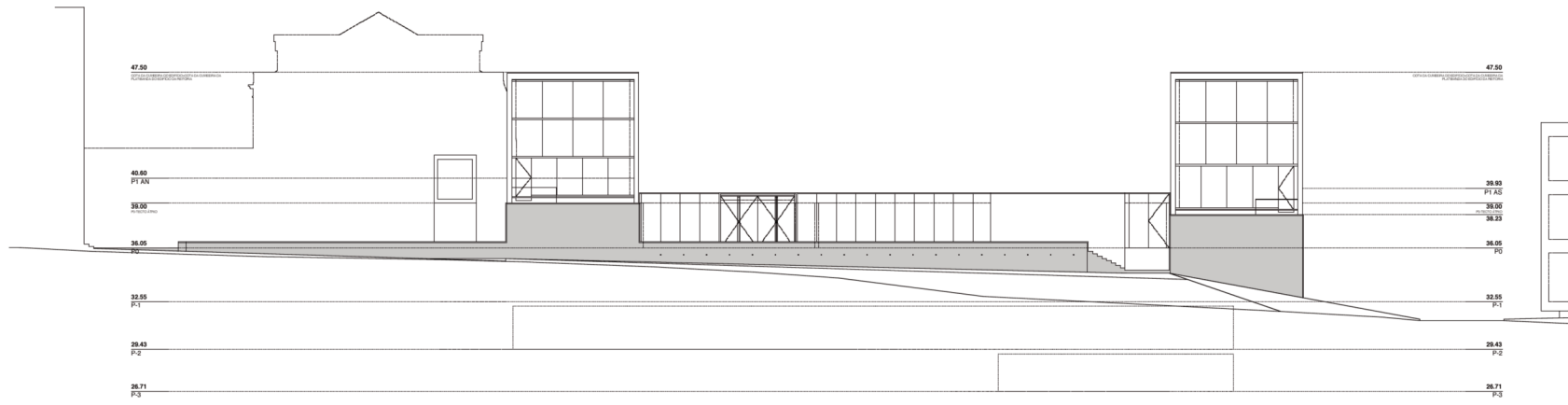
corte longitudinal





ALÇADO NASCENTE

10 | 5 | 1



ALÇADO POENTE . ANFITEATRO GRANDE

20 | 10 | 5 | 1













T3

PÃO

Andre Laranjinha

Artista Plástico,
e professor convidado da Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas da Uaç

É um documentário rodado e produzido na ilha de São Miguel, Açores.

Mais do que mostrar um processo, “Pão” depõe-nos num processo; um processo sensorial onde água, farinha e fogo têm tanto de concreto quanto de misterioso. Marcado por uma forte depuração visual — em que a simplicidade nos revela o real como estranho — “Pão” transporta-nos na abstracção do movimento perpétuo e cíclico dos elementos, onde tudo é metamorfose, onde tudo é transubstanciação — ou, como diz o moleiro: “a Vida”.
(...)

"Pão" é também um filme que levanta subtilmente a questão da subsistência numa ilha situada no meio do oceano Atlântico, não apenas do ponto de vista da dependência do exterior, mas também do ponto de vista da relação do ilhéu com a natureza do seu território. Para haver Pão na ilha é preciso engenho, trabalho... e fé.

Título/Title: Pão
Ano/Year: 2014
Género/Genre: Documentário
Duração/Duration: 45 min.
Formato/Format: Pal 16:9. Cor. Som estéreo.

Ideia original/Original idea:
Museu Carlos Machado
Duarte Espírito Santo Melo - Director
Sílvia Fonseca e Sousa - Etnografia Regional







P6

RESIDÊNCIAS ESTUDANTES

Pedro Machado Costa / Celia Gomes

DATA

1998/2001



O complexo das Residências Universitárias das Laranjeiras situa-se a Nascente de Ponta Delgada, junto a uma antiga zona industrial, sobranceira a terrenos agrícolas abandonados.

O crescimento da cidade verificado nas últimas décadas faria prever rápidas e profundas alterações em toda a área, transformando-a num subúrbio mono-funcional pelo que a construção do complexo residencial, pela sua escala e pelas funções que abriga, constituiria uma oportunidade em definir uma estrutura urbana que possibilitasse a implementação de uma regra, permitindo constituir-se como um catalizador de futuras intervenções, transformando-se ela própria num pólo de actividades.

As residenciais albergam 300 estudantes universitários que se dividem pelos quatro edifícios longitudinais, paralelos entre si, implantados perpendicularmente ao principal eixo viário de ligação ao centro de Ponta Delgada.

Por sua vez, paralelamente à estrada é ordenado um conjunto de faixas – como que de pequenos recortes na paisagem se tratassem – dispostos com orientação norte/sul, que cruzam os 4 blocos, organizam os espaços exteriores do complexo, e desenham a transição entre as áreas públicas e as zonas privadas destinadas aos seus habitantes.

Um quinto edifício – a entrada principal do complexo – procura complementar toda a área exterior das residências, desenhando uma esplanada, um miradouro e um solário, ao mesmo tempo que abriga um bar, uma cantina e a sala de convívio para os estudantes.

O projecto de espaços exteriores, torna-se tema central na estratégia de intervenção, permitindo que as áreas existentes entre os blocos das residenciais ganhem uma dimensão pública eminentemente funcional.

As longas faixas de “recortes na paisagem”, dispostas segundo uma regra que procura destacar uma frente urbana ao complexo – que garante simultaneamente a existência de uma espécie de jardim no seu interior –, proporcionam a criação de pequenos espaços singulares no interior do perímetro. A sua sequência de implantação hierarquiza usos, adequando-os à sua posição relativa no complexo: paralela à estrada implanta-se a Faixa de Estacionamento Automóvel e a Faixa de Passeio Urbano (destinadas ambas ao passar quotidiano dos habitantes da área) e sequencialmente, a Faixa de Arvoredo (estabelecendo uma fronteira visual para o interior do complexo, e atenuando a visão perspectica longitudinal sobre os edifícios residenciais), a Faixa de Percurso Central (destinada à distribuição interna e à ligação entre os vários edifícios das residências), a Faixa de Acontecimentos (onde são implantadas funções complementares: Laranjal, Campo de Jogos, Jardim/Labirinto dos Namorados, Estacionamento de Bicicletas, etc.) e por fim, acompanhando uma canada (caminho rural) existente, a Faixa de Prado (um enorme relvado propício ao repouso).

Dado tratar-se de uma obra de carácter social, os recursos disponíveis apontam para soluções construtivas e tipológicas simples – o que aliás é apontado pela natureza programática do projecto; daí a opção do recurso à modularidade (construtiva e espacial) para a edificação dos quatro blocos residenciais.

O módulo definidor da solução é a unidade habitacional mínima: um quarto duplo, de planta rectangular (2.6 x 6 m), com os seus topos transparentes. O topo sul constituiria a frente exterior do quarto, sendo o topo norte destinado ao acesso interno. A meio do quarto são dispostos dois volumes – contendo instalações sanitárias, zona de banhos, armários e estantes – que dividem a restante área disponível em zona de estudo (a norte, aberta para um corredor de acesso envidraçado, o que permite a iluminação natural deste espaço), e um espaço destinado ao repouso (a sul, aberto para a paisagem).

A separação das duas áreas é assegurada pelas portas dos armários: quando abertas, encerram o corredor de ligação entre zona de estudo e zona de repouso, repondo a necessária intimidade a esta última, que tinha sido anulada pela não existência de qualquer barreira visual entre o corredor e o quarto.

Tendo em conta a necessária economia de meios, seria óbvio que este módulo assumiria preponderância no que respeita à morfologia dos blocos residenciais fazendo com que a imagem dos edifícios resultasse da mera associação dos módulos (dos quartos) que a compõem.

Nesse sentido ao módulo base são introduzidas pequenas variações: varandas, portadas, o desnivelamento da zona de repouso em relação à zona de estudo ou até a separação física entre elas. Estas variações corresponderiam não apenas a diferenciações de usos e de espaços, mas também, sobretudo, a variações formais, o que garantiria que a associação entre módulos e suas variações protagonizassem por si só diferenças morfológicas aos quatro blocos residenciais.

Desse modo, por mera associação modular, obtivemos quatro edifícios residenciais semelhantes, mas que procuram soluções morfológicas diferenciadas entre si, como resposta a uma procura de variabilidade urbana de conjunto, reflexo da localização relativa de cada edifício, mas também da proximidade com outros elementos.

Assim, de sul para norte, temos o Edifício Destemido (aquele que confronta todos aqueles que se aproximam vindos do Centro da Cidade), o Edifício 2 (porque é o segundo bloco residencial), o Edifício Desportista (dada a proximidade do Campo de Jogos, e a extensão dos seus corredores internos) e o Edifício Maciço (por ser aquele que alberga mais alunos).

Cada um dos 4 blocos de residências organiza a quase totalidade do seu programa funcional junto à fachada sul libertando o alçado norte para as circulações internas, que podem desse modo ser totalmente abertas para o exterior.

Consegue-se assim que os utentes de cada um dos blocos cruzem a totalidade das faixas de “paisagem” localizadas no exterior., à medida que se deslocam pelo interior dos edifícios.

Dá-se oportunidade aos estudantes de escolher habitar o bloco e a vista do quarto que mais lhe agrada, bem como da própria vista do quarto já que cada módulo funciona como uma espécie de enquadramento sobre as (diferentes) faixas de paisagem.

Desse modo é possível viver num quarto do Edifício Desportista, tendo vista sobre o Arvoredo, habitar o Edifício Maciço com uma vista sobre o Prado, ou dormir num quarto com vista para o estacionamento no Edifício 2. Qualquer outra conjugação é possível de se obter.

O Edifício Central contrapõe a toda a malha estrutural rectilínea uma outra geometria, quase aleatória, quase natural, como quase artificial é o conjunto de laranjeiras plantadas em frente a este (e que recordam o grande laranjal aí existente até finais do séc. XVIII), fixando-se à topografia, alterando-a, e implantando-se profundamente no cruzamento entre os blocos construídos e as faixas exteriores.

Residências Universitárias das Laranjeiras (1.º Classificado em Concurso Público)

Cliente: Serviços de Acção Social da Universidade dos Açores

Localização: Bairro das Laranjeiras, Ponta Delgada, S. Miguel, Açores

Programa: 150 quartos duplos, cantina e refeitório, sala de convívio, serviços de apoio

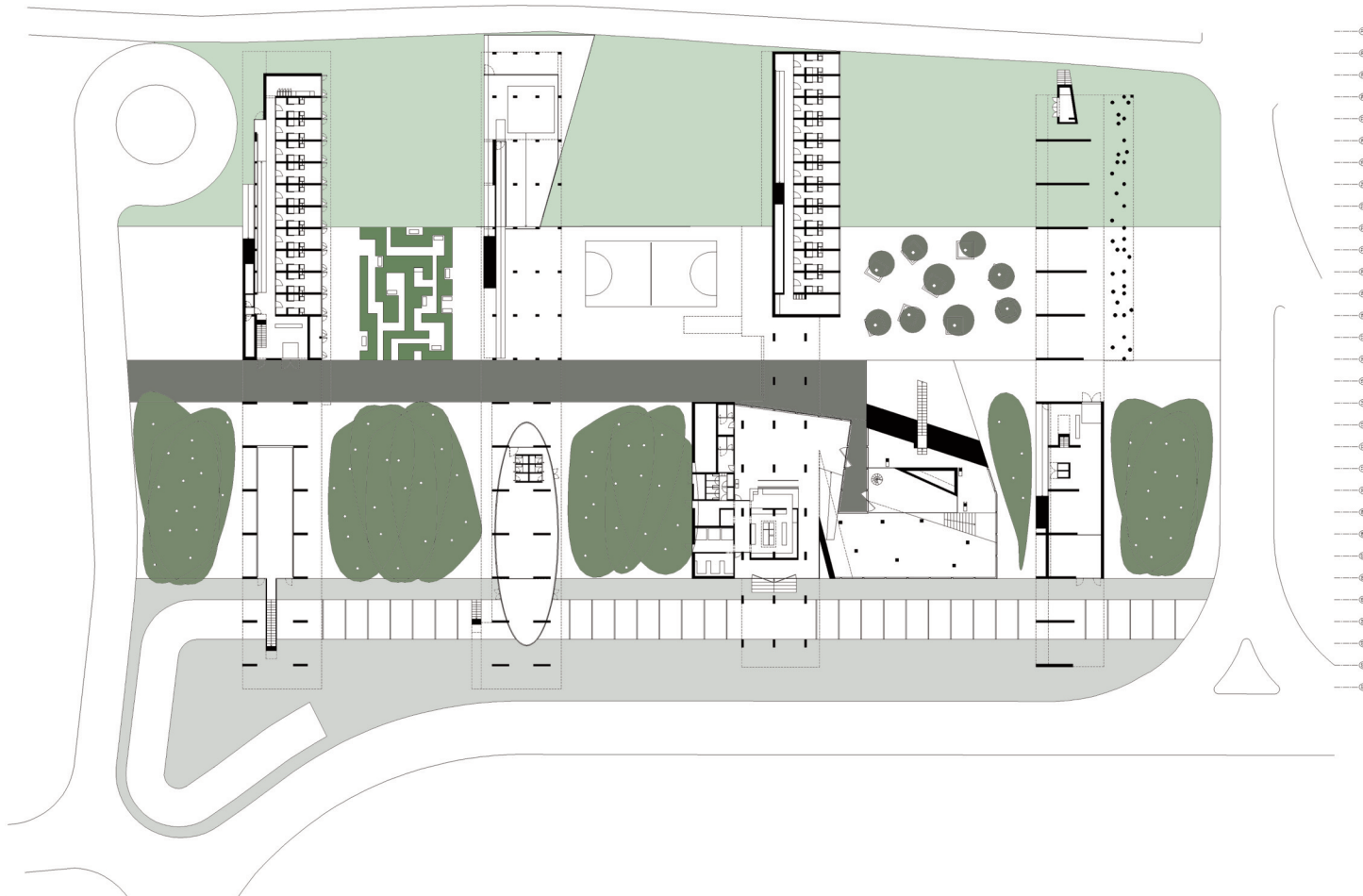
Área de Construção: 6500m²

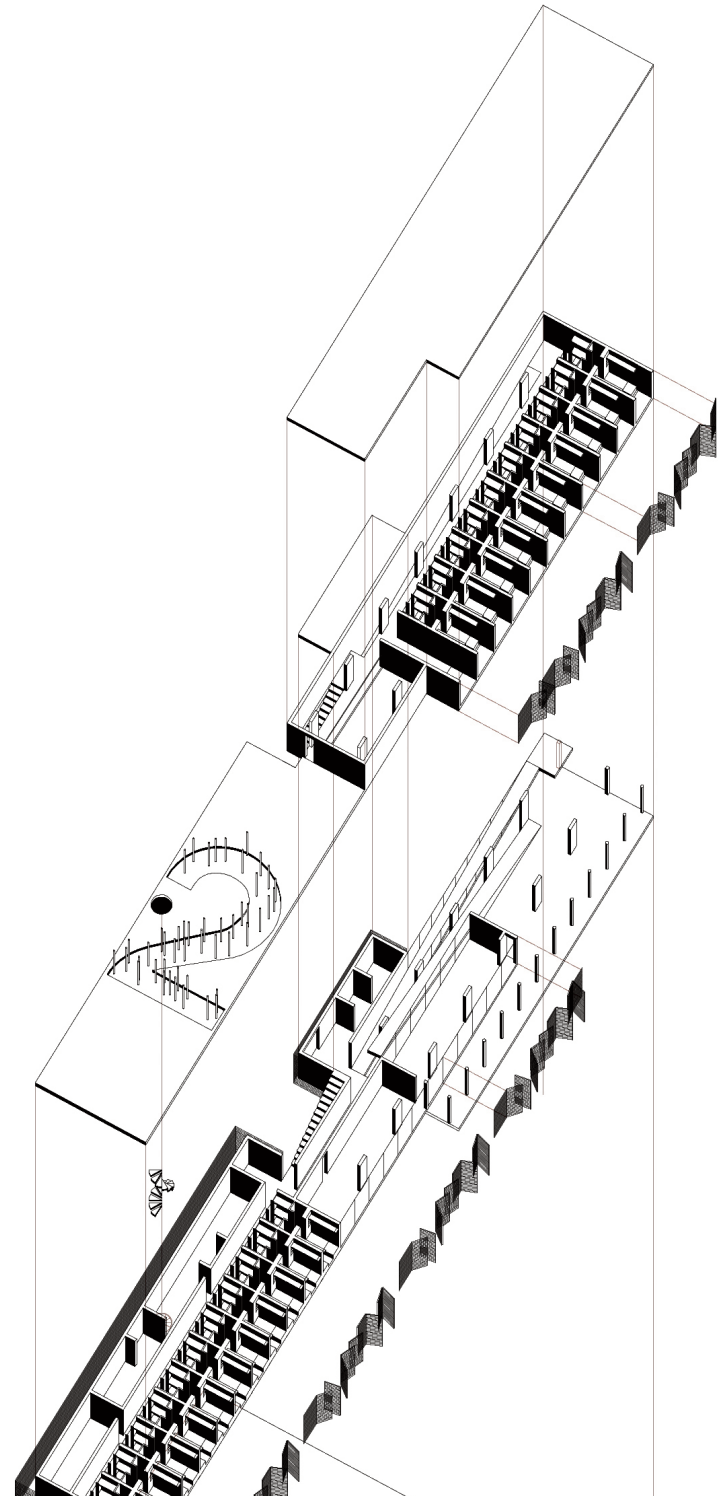
Área de implantação: 10000 m²

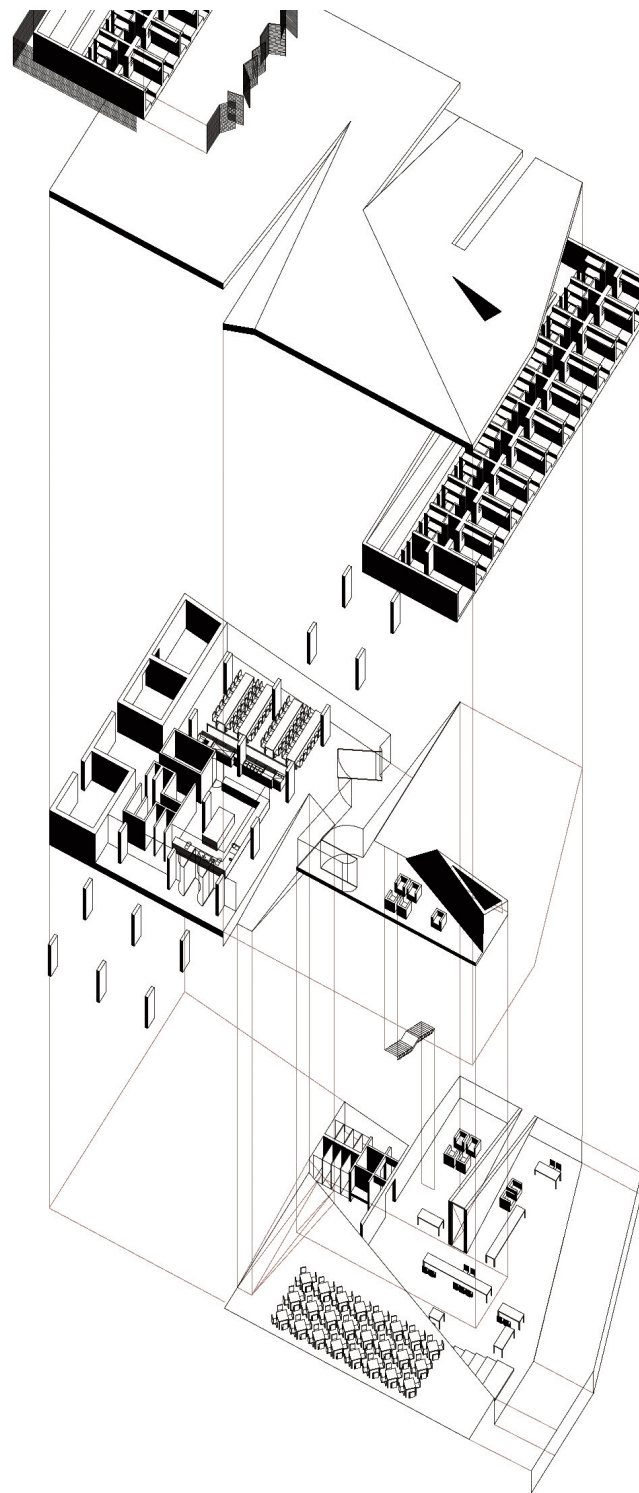
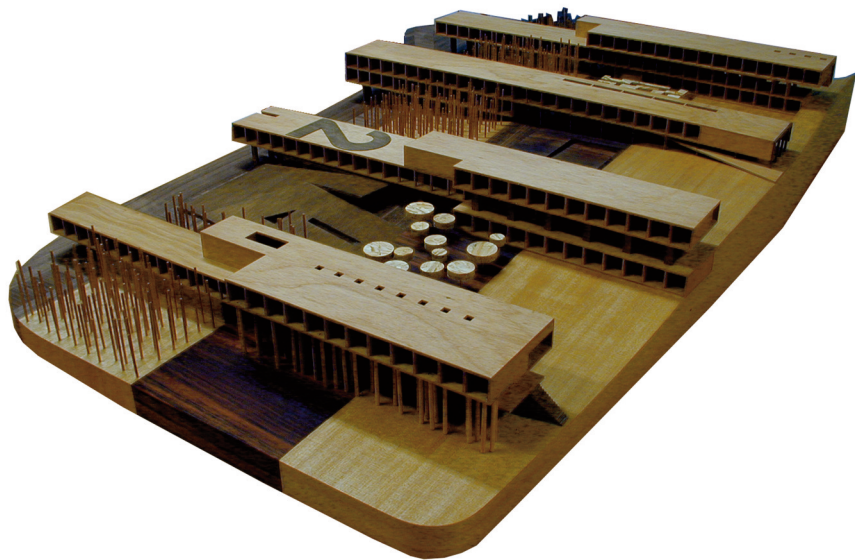
Data de projecto: 1998/2001

Data de Construção: 2002/2003 (1.ª fase), 2004/2007 (2.ª fase)

Coordenação: Pedro Machado Costa, Célia Gomes / a.s.*





















P7

HABITAÇÃO UNIFAMILIAR JOÃO PACHECO DE MELO E FLORINDA MELO

Pedro Mauricio Borges

DATA

1994/2001



CONTEXTO

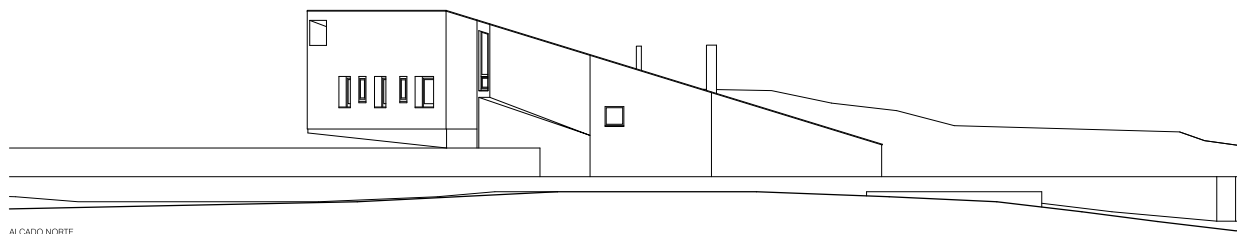
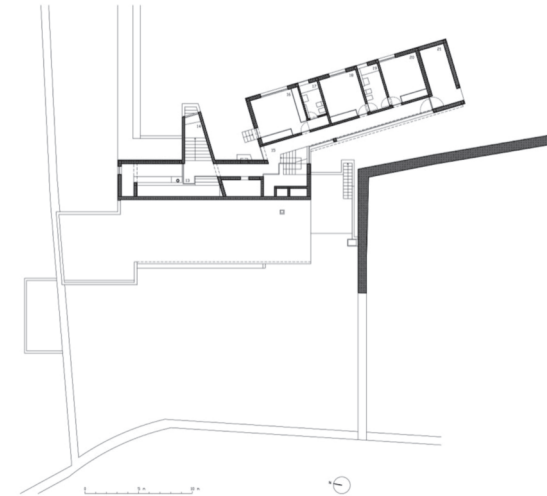
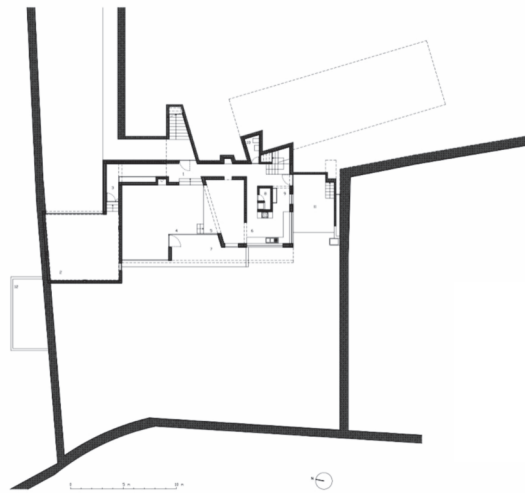
O terreno, limitado por muros altos de pedra, situa-se a sul de S. Vicente Ferreira. Para poente, avista-se a araucária do largo central de S. Vicente sobre o fundo montanhoso da ilha. A norte, um maciço arbóreo tapa o mar, pressentindo-se a proximidade do aglomerado. A nascente a vista estende-se, sem acontecimentos que a particularize, até longe. Para sul, os prados sobem suavemente, contornados por muros de pedra, pontuados por árvores isoladas, até se erguerem em dois montes que sinalizam o “meio” da ilha, e por entre os quais passa a estrada.

O terreno, vazio, divide-se em três plataformas de cotas diferentes.

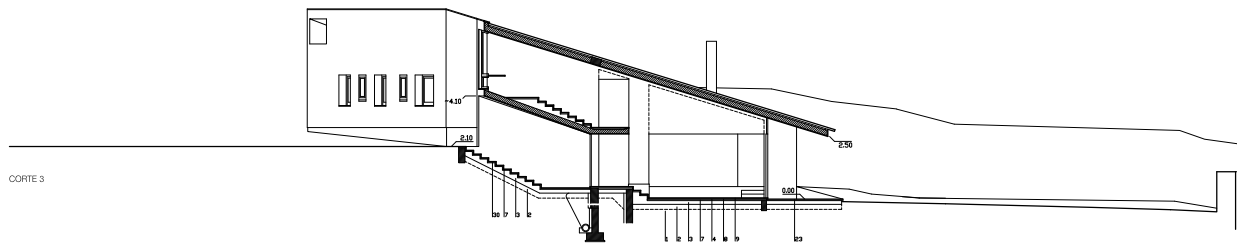
PROJECTO

A casa implanta-se no encontro das plataformas: no enfiamento da faixa de acesso existente constrói-se a garagem; ao lado, na plataforma com a vista poente, do vale retalhado de prados até aos montes além Capelas a mergulharem no mar, ficam as salas e a cozinha; sobre a plataforma mais

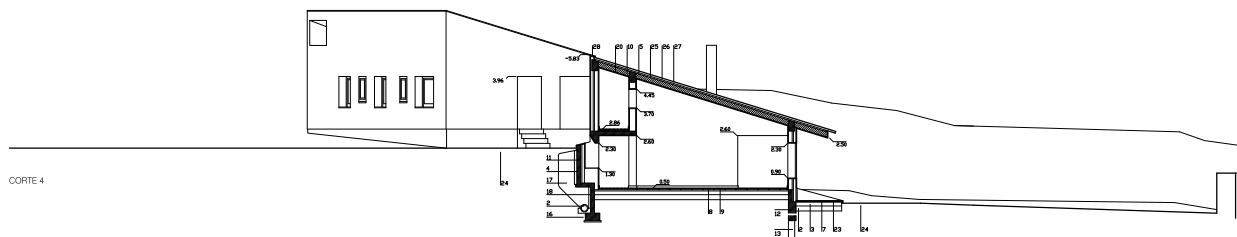
alta estendem-se os quartos. Os três corpos, articulados a cotas diferentes, são cobertos por uma única água. A cobertura alteia-se a nascente, permitindo lançar um mezanino sobre o interior e irromper para o exterior num mirante que, devolvendo o olhar à entrada no terreno, abriga, em baixo, a porta da casa.



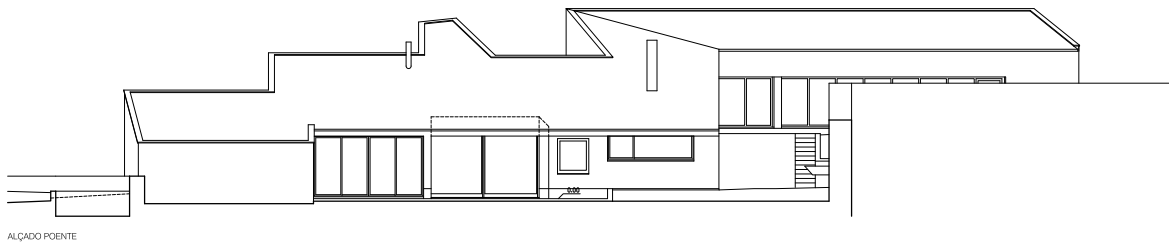
ALÇADO NORTE



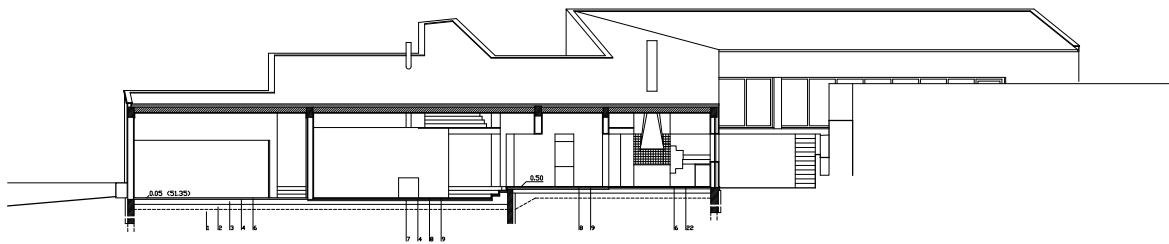
CORTE 3



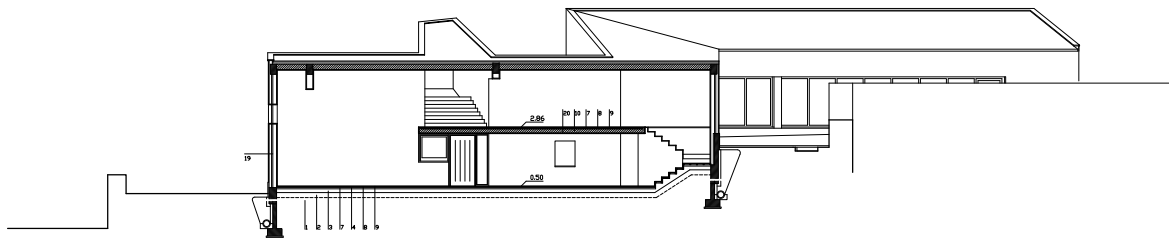
CORTE 4



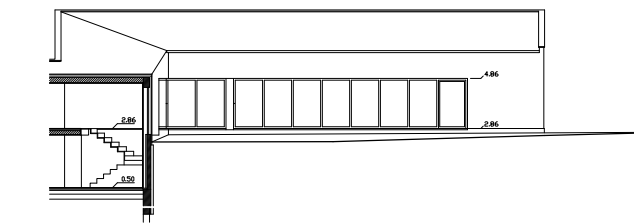
ALÇADO POENTE



CORTE 11



CORTE 13



CORTE 15











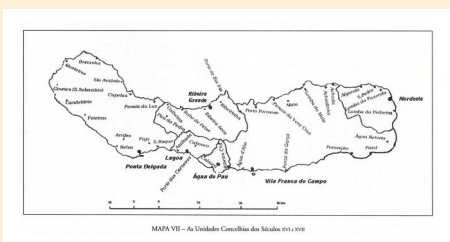
T4

A ESTRUTURA DA PROPRIEDADE E O DESENHO DO TERRITÓRIO. ILHA DE S. MIGUEL – SÉCULOS XV A XIX

Isabel Soares de Albergaria

CHAM-A, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UA
e Humanas da Universidade dos Açores.

1



A abordagem deste tópico centra-se na relação histórica entre a afirmação de uma determinada estrutura da propriedade e o processo de configuração (ou desenho) do território. Entendendo o território – na linha do que defende Rossario Assunto –, como uma entidade abstracta sobre a qual se lançam divisões, circunscrições administrativas e vínculos de posse, em resultado da multiplicidade de entidades que sobre ele exercem jurisdição, a síntese aqui apresentada pretende revelar as marcas deixadas pelos atos de distribuição da propriedade, pela forma do parcelário e pela estrutura social subjacente à tomada de posse da terra na ilha de S. Miguel, ao longo da Idade Moderna.

2

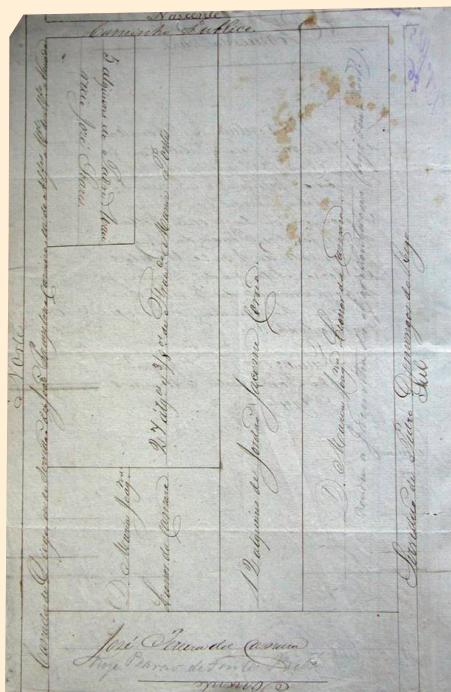


É importante reconhecer a existência de uma estrutura funcional hierarquizada no processo de ordenamento do território, estrutura que começa por ter à cabeça, antes mesmo do monarca, o Donatário das ilhas, coincidente com o Mestre da Ordem de Cristo até ao reinado de D. Manuel I. Foi ao Donatário, como primeiro usufrutuário das ilhas atlânticas, que coube a tarefa da subdivisão do arquipélago em Capitânias, entregues à administração dos capitães-dos-donatários, seus lugares-tenentes, bem como a dotação dos regimentos para a concessão de terras em sesmaria e a fundação de vilas e concelhos. Era considerado o “Partidor”. Mas foi certamente a figura do Capitão que exerceu uma influência mais direta sobre a distribuição de terra (chamado o “Cismeiro das Dadas”), cabendo-lhe igualmente o incentivo às arroteias e ao cultivo, e a angariação de povoadores. Sob a ação deste desenha-se uma estrutura da propriedade assente nas “Dadas” de terra e uma estrutura social baseada na divisão entre o pequeno grupo dos privilegiados, com direito à posse da terra e imediatamente catapultados para uma posição social de “principalidade”, e uma maioria sem direito a esse bem e estatuto. A organização seguida quanto à forma e dimensão das “dadas”, geralmente constituídas por grandes corpos de terra contínuos “do mar à serra” (de 130 ou 200 passadas de largura e sem dimensão definida no comprimento) condicionou substancialmente a forma posterior dos usos do solo, tanto no que respeita ao mosaico agrícola “por andares”, como ao condicionamento reservado ao uso de uma franja litoral definida por 80 a 100 passos (c. de 60 a 75m), destinada a baldio de “uso comum dos povos” e administrada pelos concelhos. Foi no âmbito das vereações concelhias que se abriram os primeiros “caminhos do concelho”, traçaram ruas urbanas e se alargaram praças. Para

3



4



5



além de outras condicionantes evidentes, a fixação dos povoados num rosário litoral e periférico (Fernandes, 1996) muito se deve aos instrumentos normativos sobre o território. Verifica-se ainda a continuidade entre o traçado urbano e o traçado divisor (cadastral) do campo em redor. Mais do que simples prolongamento, Antonieta Reis Leite salienta a função de Ponta Delgada como “centro nevrálgico de um sistema e, como tal, seu representante e imagem” (Leite, 2015).

A centralidade de Ponta Delgada prende-se com as funções sociais e económicas do grupo dos “terratenentes”, desde cedo concentrados no processo de vinculação das terras e na subdivisão das parcelas, relacionado com a prática do arrendamento, cujo encerramento se fazia por bardos, tapumes, paredes (muros de pedra) ou valados. Do mesmo modo a abertura de caminhos carrais, serventias de acesso aos diversos “cerrados”, dependeu da iniciativa privada e criou uma rede capilar de caminhos desenhada de forma orgânica e centrípeta. Com efeito, ainda hoje é possível verificar a presença dos quarteirões desenhando uma malha de compasso estreito e ortogonal à linha da costa (conforme as antigas courelas) que permanece inscrita nas áreas de expansão urbana como herança histórica.

REFERÊNCIAS

Albergaria, Isabel S. 2012. A Casa Nobre na ilha de São Miguel: do período filipino ao fim do Antigo Regime, dissertação de doutoramento apresentada ao IST – Universidade Técnica de Lisboa (policopiada).

BORGES, Pedro M.L.C. 2007. O Desenho do Território e a Construção da Paisagem na Ilha de São Miguel, Açores. Na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Universidade de Coimbra (policopiado).

Brito, Raquel S. 2004. São Miguel – a Ilha Verde. Estudo Geográfico (1950-2000). Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense.

FERNANDES, José M. 1996. Cidades e Casas da Macaronésia. Porto: FAUP.

Gregório, Rute D. 2008. “Formas de Organização do Espaço”. In Matos, Artur T., Meneses, Avelino F. & Leite, José G. R (Dir). História dos Açores. Angra do Heroísmo: IAC. Vol.1

LEITE, Antonieta R. 2015. Açores, Cidade e Território. Quatro vilas estruturantes. Angra do Heroísmo: IAC.

FIGURA – 1

As unidades concelhias de São Miguel nos séculos XVI e XVII. In Margarida Lalanda, A Sociedade Micaelense no século XVII (Estruturas e Comportamentos), Lisboa: FCG, 2002, p.48

FIGURA – 2

Rede viária dos “caminhos do Concelho” convergindo em Ponta Delgada. Carta militar de 1822, cópia de 1879 (pormenor). BPARPD

FIGURA – 3

Desenho da ilha de São Miguel com destaque para a cidade de Ponta Delgada. Anónimo, c.1793. BPARPD

FIGURA – 4

Serrados de renda da casa Andrade Albuquerque e servidões privadas, 1ª met. século XIX. AAA-FAM

FIGURA – 5

Ponta Delgada, Vista aérea. Foto Filipe Jorge, 2005



P8

COMPLEXO HABITACIONAL DA LAGOA DAS 7 CIDADES

Eduardo Souto de Moura / Adriano Pimenta

DATA

1ª Fase 2007/2012 • 2ª Fase 2007/...



O projeto contempla a construção de 27 casas em regime de custos controlados, sendo o objetivo essencial do projeto o de garantir uma otimização da relação custo/qualidade das habitações. A racionalidade das soluções dos espaços tenta garantir a satisfação do exercício das atividades da vida familiar. As casas desenvolvem-se em dois pisos com o aproveitamento da falsa e com um forno exterior, elementos características das tipologias do nordeste micalense.

O terreno com uma área total de 13.202m2 situa-se numa zona de transição da Vila das Sete Cidades, confinando a Poente com um arruamento existente, com uma frente consolidada de habitações de R/C mais 1, a Norte com uma habitação e uma série de lotes de ocupação agrícola, a Nascente com um lote agrícola e a Sul com um lote arborizado e sem construções.

Na definição dos arruamentos criam-se dois eixos prioritários Poente/Nascente que servem os arruamentos de acessos aos lotes no sentido Norte / Sul.

A casa, 18 (T3) e 9 (T2), dispõe-se nos lotes no sentido dos arruamentos Norte / Sul, orientadas quer a Poente/Nascente quer a Nascente /Poente, funcionando estas em quincôncio no quarteirão resultante da organização dos arruamentos, de modo a proporcionar uma vista desafogada para a Lagoa.

Promotor / Cliente: Spraçores – Sociedade de Promoção e Gestão Ambiental, SA

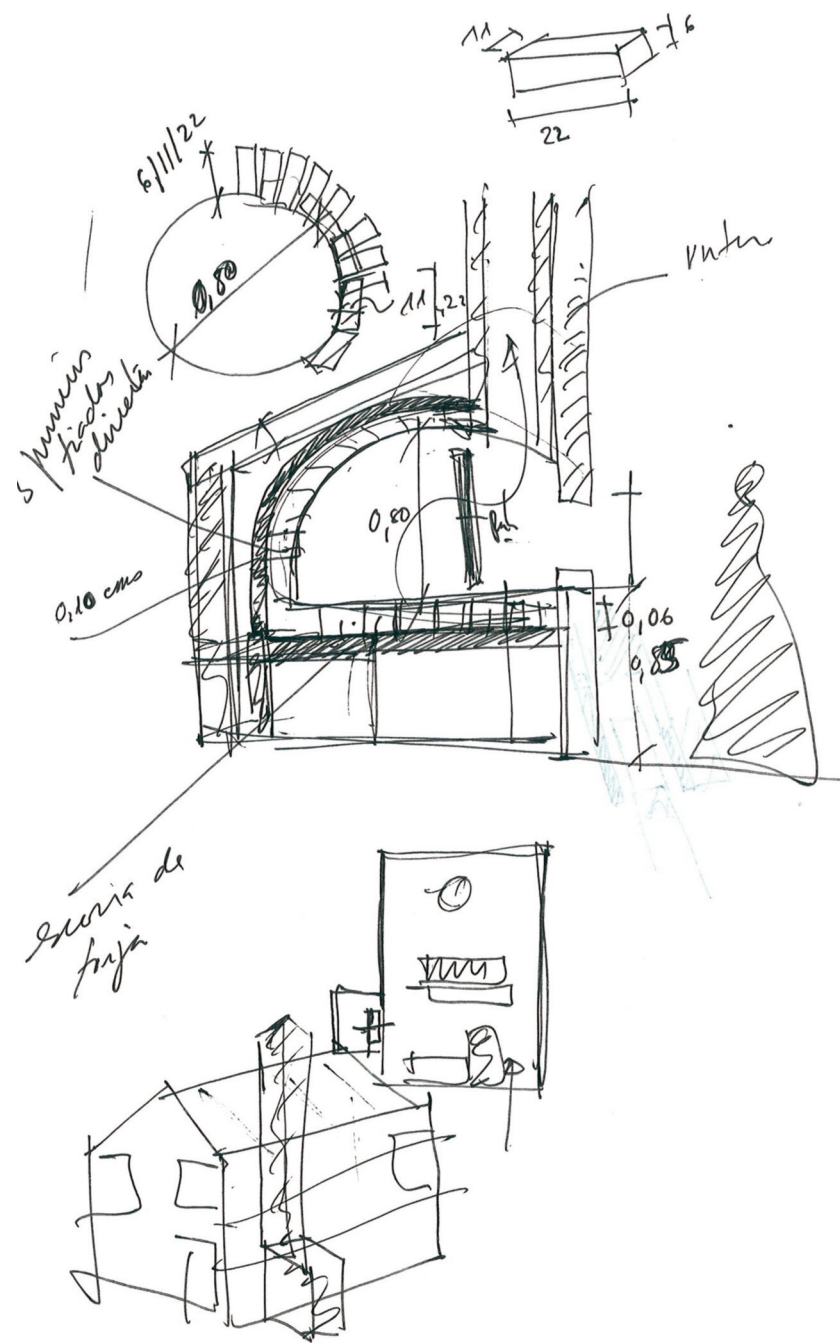
Colaboradores: André Campos, Hugo Torres

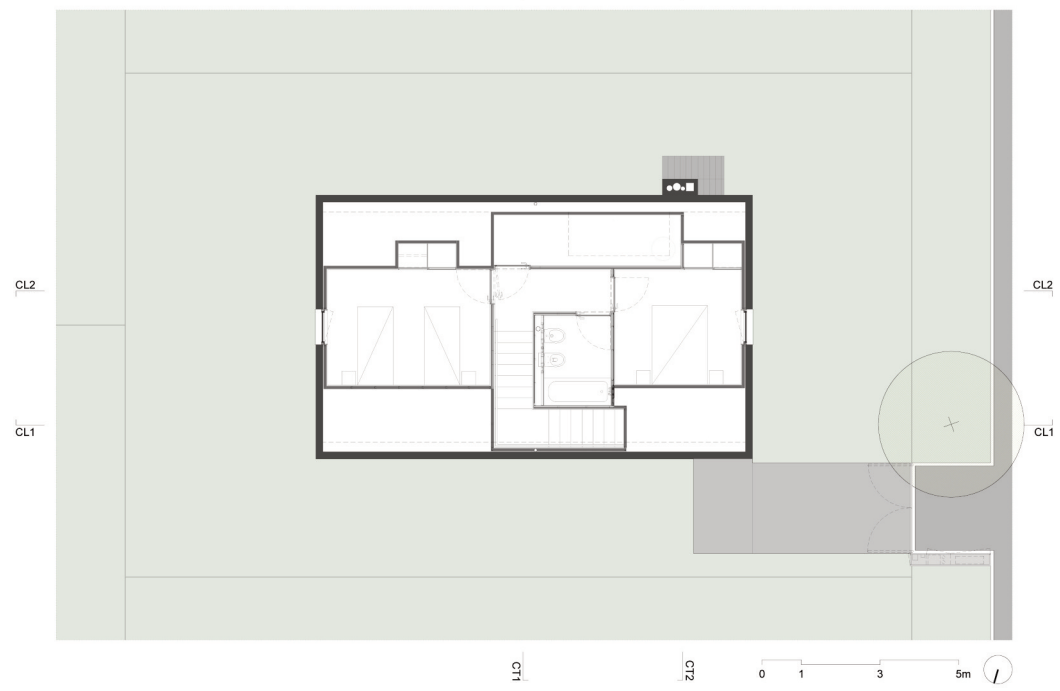
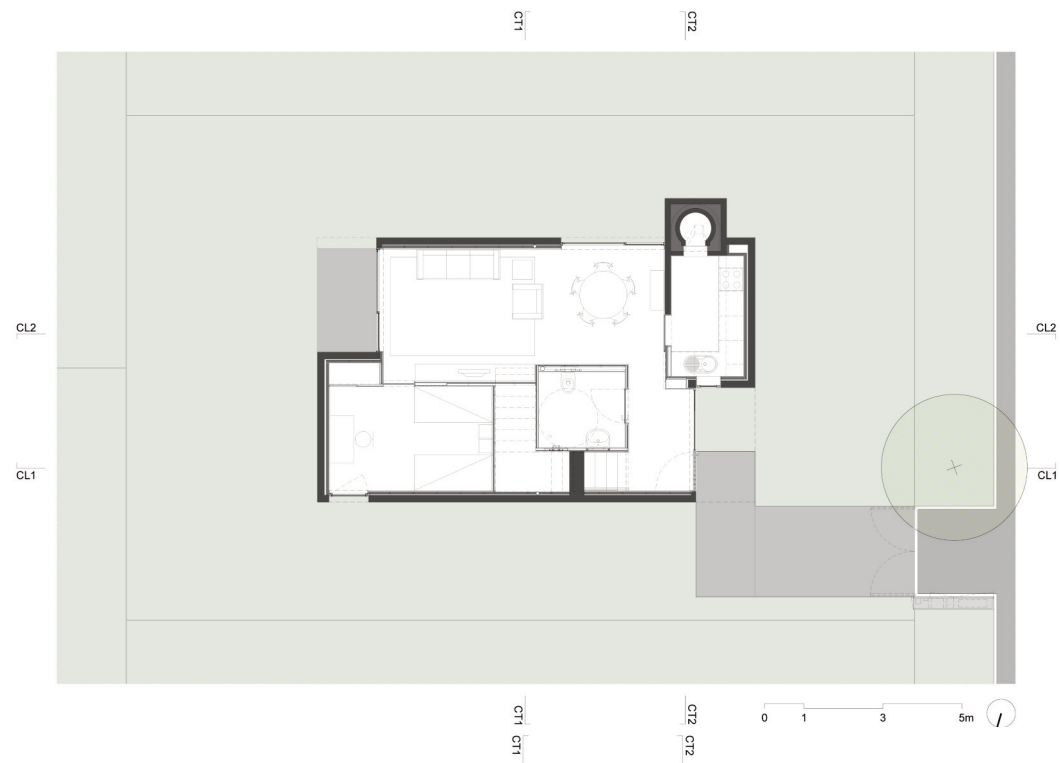
Paisagismo: Daniel Monteiro

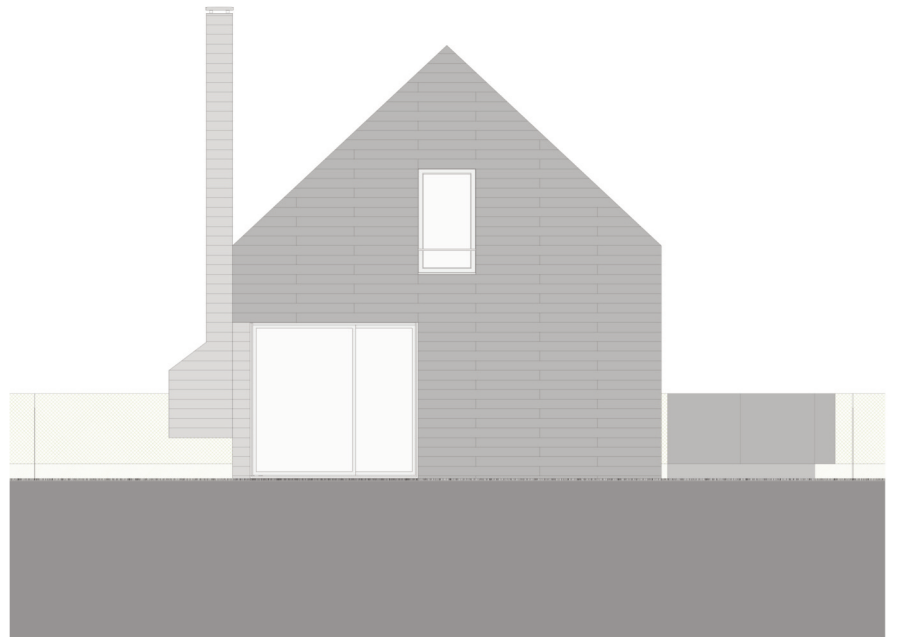
Estruturas: AFA Consult

Instalações Eléctricas: AFA Consult

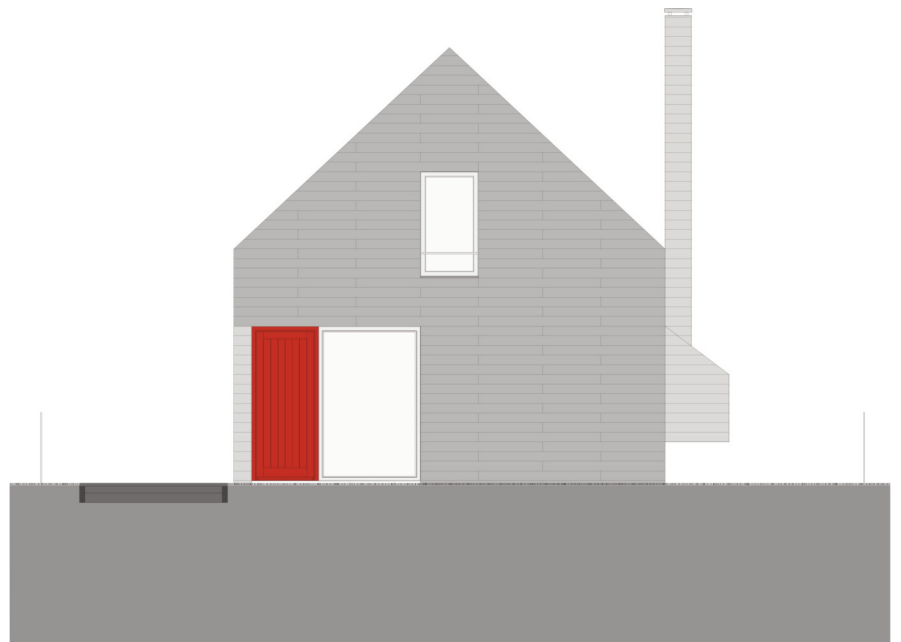
Instalações De Águas: AFA Consult





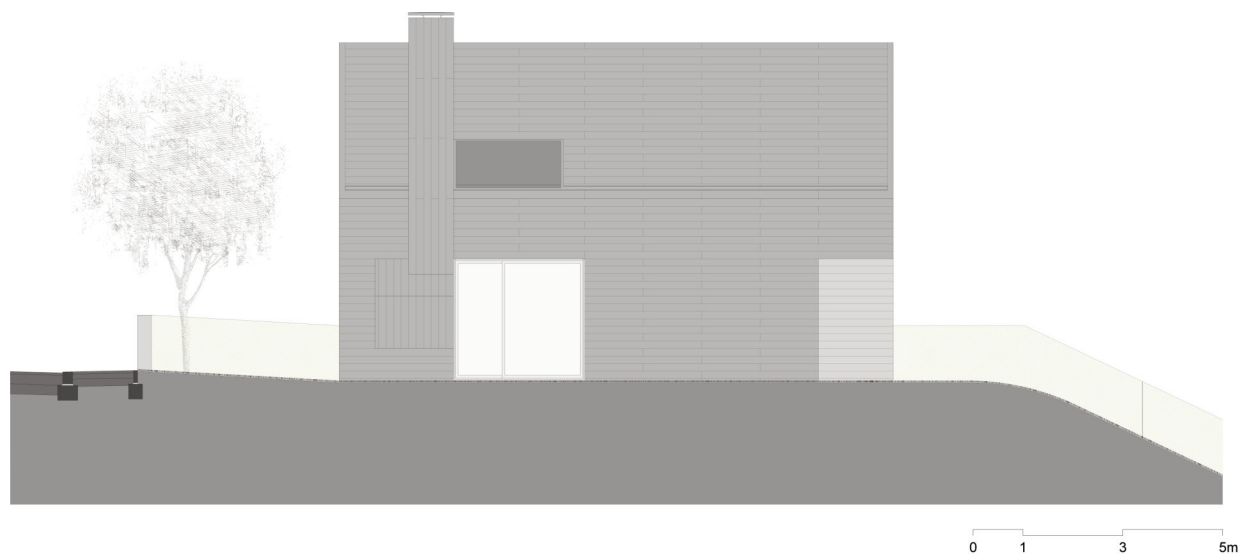


0 1 3 5m



0 1 3 5m



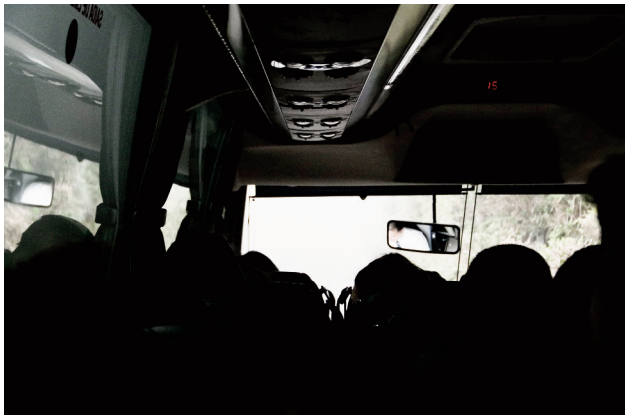












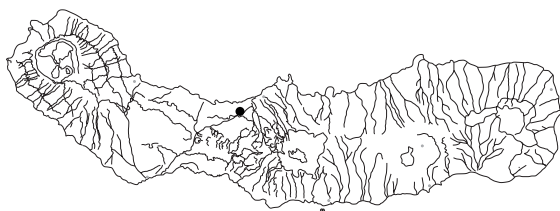
P9

PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE SÃO MIGUEL

Luís Francisco Gomes de Menezes

DATA

2009/2014



INTRODUÇÃO

A actividade agrícola, nomeadamente a da agro-pecuária, assume importância preponderante no panorama económico-social na Região e especificamente em S. Miguel. As entidades responsáveis, Governo dos Açores e parceiros, sustentam o válido conceito de que a representatividade do sector passa pela sua divulgação junto dos demais agentes económicos e da população em geral. A conjugação desses desígnios ditou a necessidade de dotar o sector Agro-Pecuário com uma estrutura para feiras e exposições com a qualidade, dimensão e polivalência ajustadas à sua notabilidade.

O EDIFÍCIO

Constitui-se basicamente numa ampla nave de exposição, encabeçada nos topos por dois corpos complementares, que receberão respectivamente no topo Poente instalações de apoio aos expositores, arrumos e áreas técnicas e no topo Nascente restaurante e bar, e desenvolvida área administrativa.

Ao longo da fachada Sul, o edifício receberá, segundo a nossa proposta, pequenas áreas comerciais e de serviços. Todo o edifício disporá duma cave

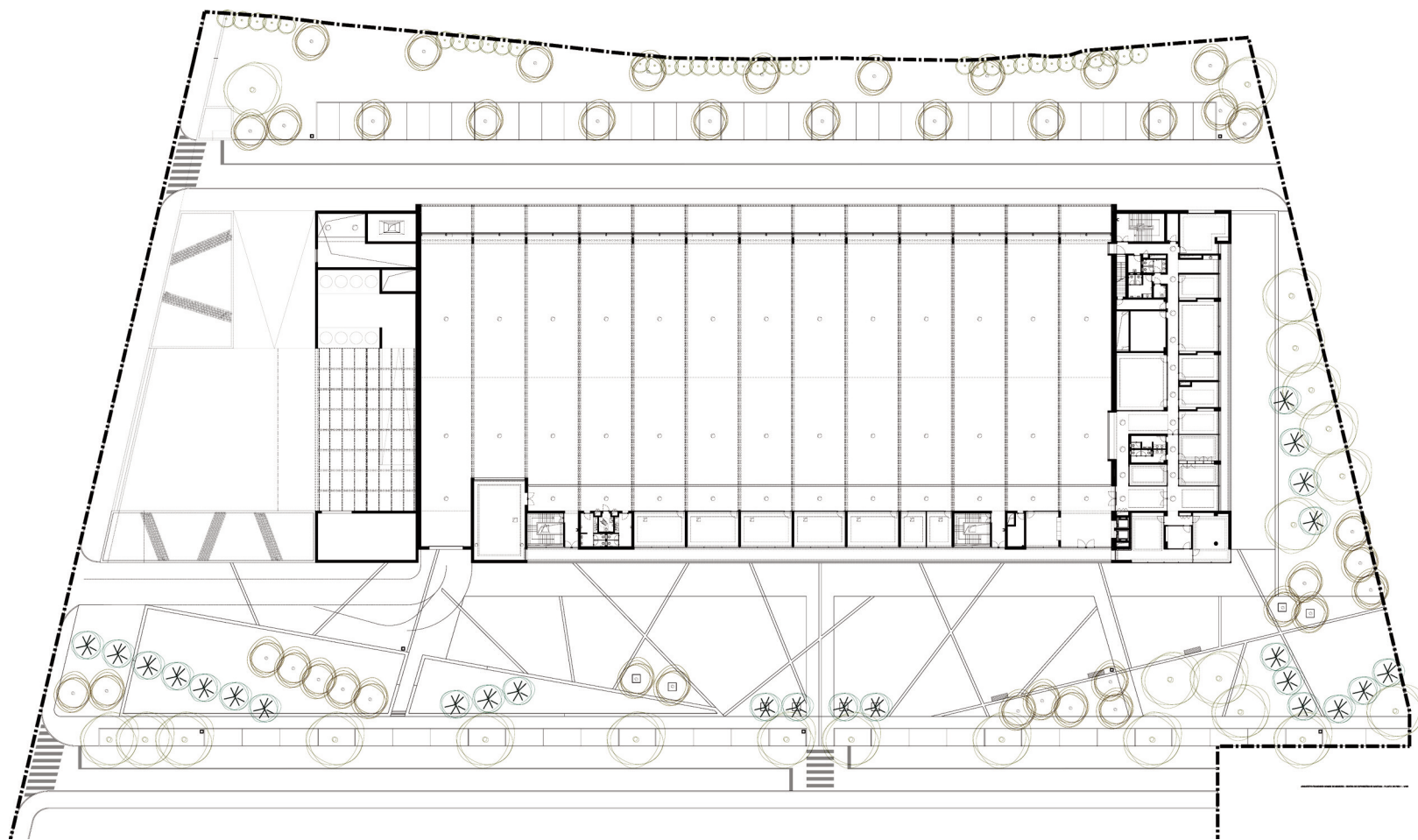
geral que em função da topografia do terreno fica rés-do-chão para Norte ao nível do acesso, destinada a estacionamento, algumas áreas técnicas, arrumos e alguns serviços de apoio à actividade a desenvolver no edifício, dos quais se destaca uma cozinha para “catering” e vestiários-sanitários para pessoal e grupos de visitantes.

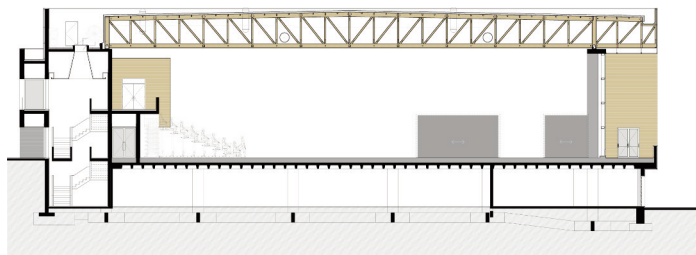
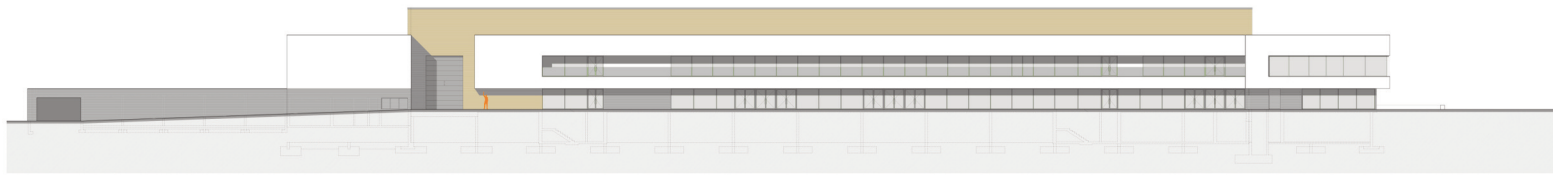
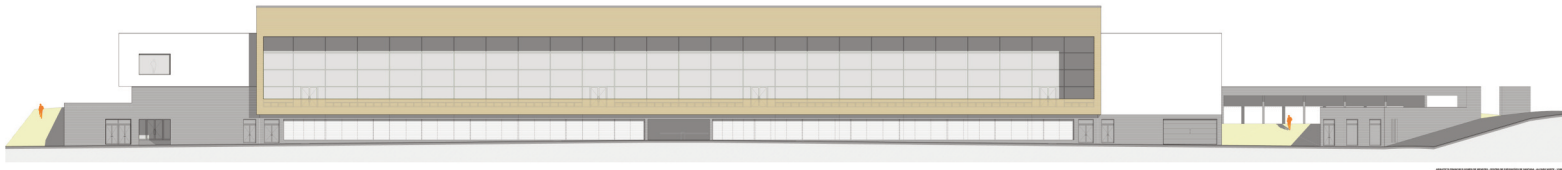
Sendo a Feira Agrícola, o evento mais significativo e concorrido, faz todo o sentido que o Centro de Exposições se estruture de forma a privilegia-lo, sem contudo descurar uma certa flexibilidade e polivalência que permitam cumprir com pretensão de dinamizar e organizar eventos ao longo do ano, que embora menos concorridos do que a Feira Agrícola, poderão atrair considerável número de visitantes em épocas de tempo menos agradável, e neste caso, a construção do parque de estacionamento coberto do Pavilhão, afirma-se justificável.

ENVOLVENTE

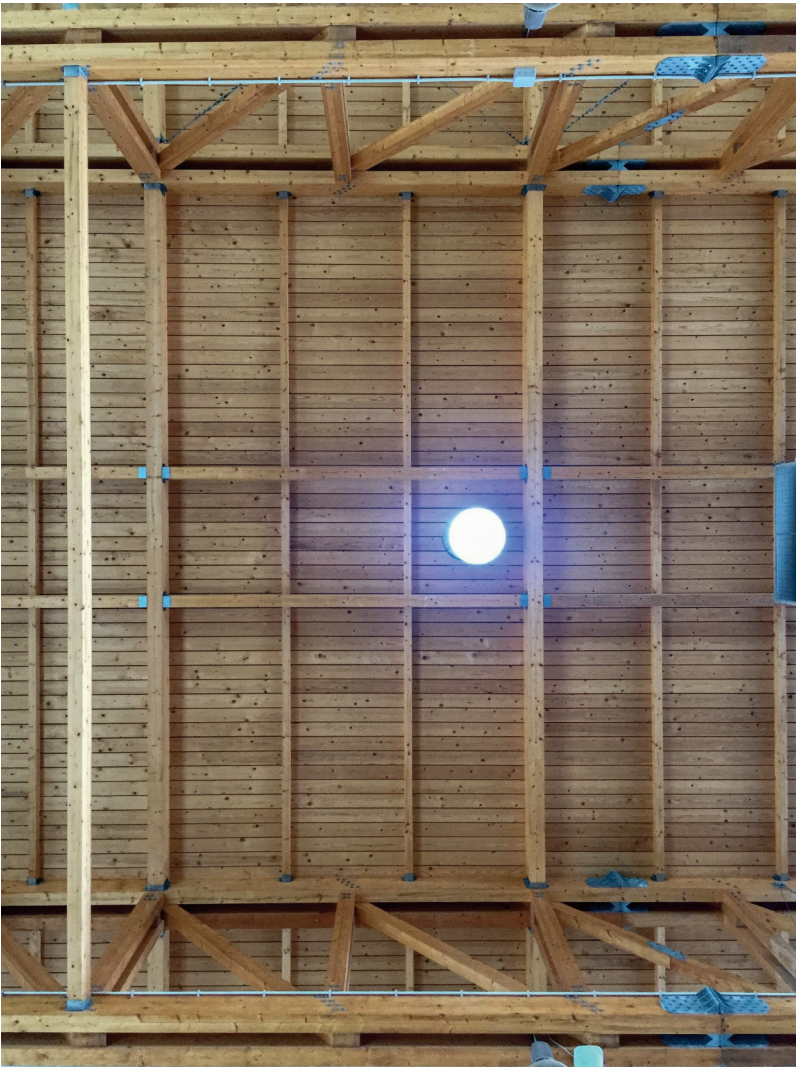
Mesmo sem referir a desejável reorganização e requalificação para a totalidade das áreas e edifícios afectos à A.A.S.M. e à Feira, a implementar em segunda fase, torna-se imprescindível proceder em complemento da implantação do Pavilhão, ao arranjo das áreas envolventes adjacentes mais próximas.

Como se referiu a envolvente exterior imediatamente relacionada com o edifício constitui-se em quatro plataformas, das quais a Norte se estabelece o acesso ao estacionamento coberto complementado por uma bacia de estacionamento exterior, acompanhada por uma faixa verde com árvores para protecção visual das construções adjacentes a Norte. A plataforma Poente corresponde ao acesso de serviço para os expositores. A plataforma Sul corresponde ao acesso principal e constitui-se em duas amplas alamedas desniveladas e área complementar de exposição exterior. Por último a plataforma Nascente constitui-se em esplanada na zona do bar e do restaurante.





PROGETTO ARCHITETTONICO E STRUTTURALE - STUDIO DI PROGETTO E REALIZZAZIONE - 2018





T5**CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA
DO POVOAMENTO DAS ILHAS DOS
AÇORES***Margarida Sá Nogueira Lalande*

Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade dos Açores

Povoadas por iniciativa do rei de Portugal a partir de cerca de 1430 e começando pela mais oriental, Santa Maria, com ritmos e cronologias diferentes ao longo dos seus três grupos geográficos e das décadas seguintes, as nove ilhas dos Açores viram os seus primeiros habitantes irem-se fixando preferencialmente nas zonas mais a sul em cada ilha e sempre no litoral. Feito no sentido nascente-poente do arquipélago, o desenvolvimento progressivo destes espaços esteve intimamente relacionado com as rotas da expansão ultramarina portuguesa que o determinou, graças à sua utilidade no regresso ao reino das frotas vindas primeiro da África Ocidental, depois do Oriente e posteriormente do Brasil.

Os povoadores vieram maioritariamente de Portugal, entendido nas suas diversas regiões e incluindo já o arquipélago madeirense. Elementos de diversas proveniências geográficas, étnicas e sociais vieram para estas ilhas, muitos voluntariamente e atraídos pela doação de faixas de terra “do mar à serra”, outros acompanhando as deslocações das comunidades familiares em que se integravam ou que serviam, e alguns em cumprimento de penas judiciais. Durante um curto período inicial registou-se também no grupo central, como reforço acordado com o coordenador do processo, a participação de algumas famílias da pequena nobreza da Flandres.

Até meados do século XVI, no conjunto de oito ilhas (excluindo o Corvo) foram formalmente criadas vinte vilas, todas elas sedes de concelho, e duas, Angra e Ponta Delgada, foram elevadas à categoria de cidade. A determinação deste tão grande número de municípios não dependeu de alguma relação direta com a dimensão da ilha, a quantidade de habitantes ou

o grau de evolução do povoamento: a Graciosa tem menos de metade da área das Flores, mas qualquer delas foi agraciada pelo rei com duas vilas; Santa Maria, entre as áreas de ambas, foi contemplada somente com um município, e o mesmo sucedeu no Faial apesar de esta ilha ser bem maior do que qualquer das outras três. Depreende-se que as capacidades de expressão e reivindicação, junto da Coroa, das forças vivas dos diversos aglomerados populacionais terão sido bastante diferentes de uma localidade para outra, e que as próprias motivações e estratégias régias terão conhecido variações.

O enquadramento institucional destes novos espaços foi simultaneamente tradicional e inovador: aplicou-se quer os modelos administrativos em vigor já há décadas ou mesmo séculos no território continental português, como câmaras municipais, representantes da autoridade régia, freguesias e paróquias eclesiásticas, ordens religiosas, quer figurinos criados expressamente para as recém-incorporadas realidades insulares distantes desse mesmo reino, designadamente os donatários e os seus capitães, em termos senhoriais temporais, e agentes espirituais em nome da Ordem de Cristo. A mistura de práticas antigas e novas constitui mesmo uma idiossincrasia dos Açores, bem documentada até ao século XXI na arquitectura civil, militar e religiosa, na organização social, nas produções e actividades económicas, na espiritualidade, na criação artística, na construção das paisagens, nas relações com os poderes centrais de Portugal, na abundante reflexão e produção literária e histórico-política.

Na organização do espaço e das práticas humanas ao longo da História, o mar conferiu aos Açores uma ambivalência marcante: cada ilha foi moldada pelos seus habitantes de modo diferente, intensificando a sua individualidade insular; porém, a enorme importância estratégica do arquipélago nas rotas transatlânticas desde o século XVI conferiu-lhe uma extraordinária e evidente centralidade que impediu o seu isolamento.

LEITURAS SUGERIDAS:

FERNANDES, José Manuel, *História ilustrada da arquitectura dos Açores. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura*, 2008.

LALANDA, Margarida Sá Nogueira, «O Mar na Organização das Populações Açorianas nos séculos XV a XVII». IN *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Ocidente e o Oriente*, 1º volume, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Universidade dos Açores, 2001, pp.415-430.



P10

ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes + João Mendes Ribeiro

DATA

2007/2014



VARIAÇÃO TRANQUILA

O desenho do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas mantém o carácter industrial do conjunto e tematiza o diálogo entre uma construção existente (antiga fábrica do álcool | tabaco) e novas construções (fábrica da cultura | produção de arte, reservas, sala multiusos artes performativas, oficinas, laboratórios, estúdios -ateliers de artistas).

O projecto não exagera a diferença entre as antigas e as novas construções. Antes procura unir a diferente escala e a diferente idade das suas partes por meio de uma manipulação pictórica da forma e da materialidade dos edifícios - o existente marcado pela alvenaria aparente de pedra vulcânica e os novos edifícios marcados pela forma abstracta, sem referência ou alusão a nenhuma linguagem, construídos em betão aparente com inertes de basalto local com um trabalho altimétrico e textural das superfícies, complementando a relação cheio/vazio da massa do edifício com os vazios dos pátios.

O ACAC adquire a sua identidade pela variação tranquila entre o edifício existente – contenção e gesto mínimo na implantação estratégica dos canais de infra-estruturação, máxima eficácia na hierarquização espacial e funcional dos diferentes espaços do complexo fabril – e os dois edifícios novos que, por exigirem condições especiais não compatíveis com a preexistência, resolvem as funcionalidades perdidas.

O projecto compromete-se com a qualidade do existente, pondo em manifesto as variações tipológicas – os novos edifícios são colocados ao lado dos existentes de forma “serena” clarificando o que é existente num determinado período e o que se lhe acrescenta, sem ferir ou desvirtuar as estruturas espaciais e construtivas do conjunto. Contexto e contiguidade contribuem para a autonomia do objecto.

Concurso: 2007 (1º prémio)

Projecto: 2007-2010

Construção: 2011- 2014

Cliente: Direcção Regional de Cultura dos Açores (DRaC)

Localização: Ribeira Grande, São Miguel, Açores, Portugal

Área: 12.914 m (9.736 m edifícios + 3.178 m espaços exteriores)

ARQUITECTURA

Arquitectos: Consórcio Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda. e João Mendes Ribeiro Arquitecto Lda.

Autores: Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes, João Mendes Ribeiro

Coordenadores de Projecto: Adalgisa Lopes e Jorge Teixeira Dias (fase de projecto), Inês Mesquita e Filipe Catarino (fase de obra)

Equipa de Projecto (Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda): Cristina Maximino, João Pontes, Luís Campos, Ana Leite Fernandes, Mariana Sendas, Pedro Costa, Inês Ferreira, João Fernandes

Equipa de Projecto (João Mendes Ribeiro Arquitecto, Lda): Catarina Fortuna, Ana Cerqueira, Ana Rita Martins, António Ferreira da Silva, Cláudia Santos, Joana Figueiredo, João Branco

Tratamento de Imagem / Concurso: Diogo Laje, Óscar Ribas, Ricardo Cardoso (Estúdio Goma)

ENGENHARIAS

Fundações e Estruturas: Hipólito Sousa, Jerónimo Botelho, Pedro Pinto (SOPSEC,SA)

Instalações Hidráulicas: Diogo Leite, Filipe Freitas, Jorge Rocha (SOPSEC,SA)

Instalações Eléctricas: Raul Serafim, Hélder Ferreira (Raul Serafim & Associados, Lda)

Segurança: Maria da Luz Santiago (Raul Serafim & Associados, Lda)

Instalações Mecânicas: Raul Bessa, Ricardo Carreto (GET, Lda.)

Instalações de Gás: José Pinto (SOPSEC,SA)

CONSULTORIAS

Consultoria em Programação e Arquivo: Elisa Babo (Quatenaire), Miguel Von Haff Pérez, Marta Almeida

Consultoria em Conservação e Restauro: Gabriella Casella (Cariátides)

Consultoria em Acondicionamento Acústico: Rui Calejo, Eduarda Silva, Filomena Macedo (SOPSEC,SA)

Consultoria em Comportamento Térmico: André Apolinário (SOPSEC,SA)

Consultoria em Mecânica de Cena: João Aidos

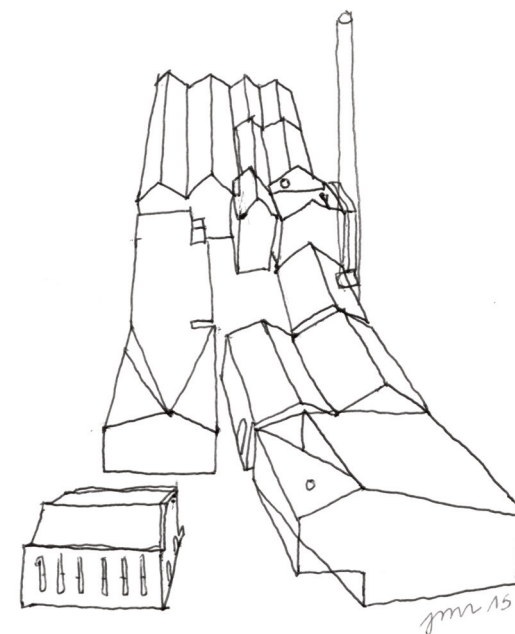
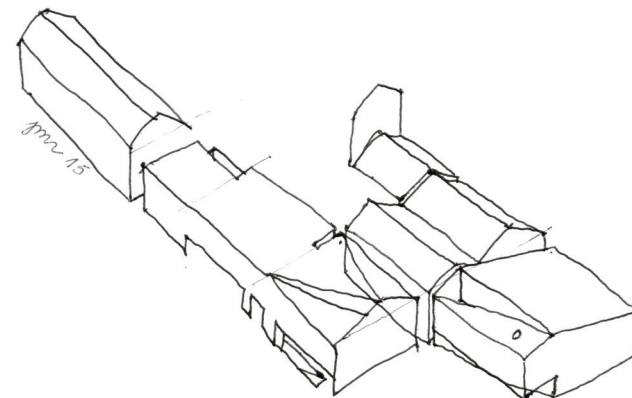
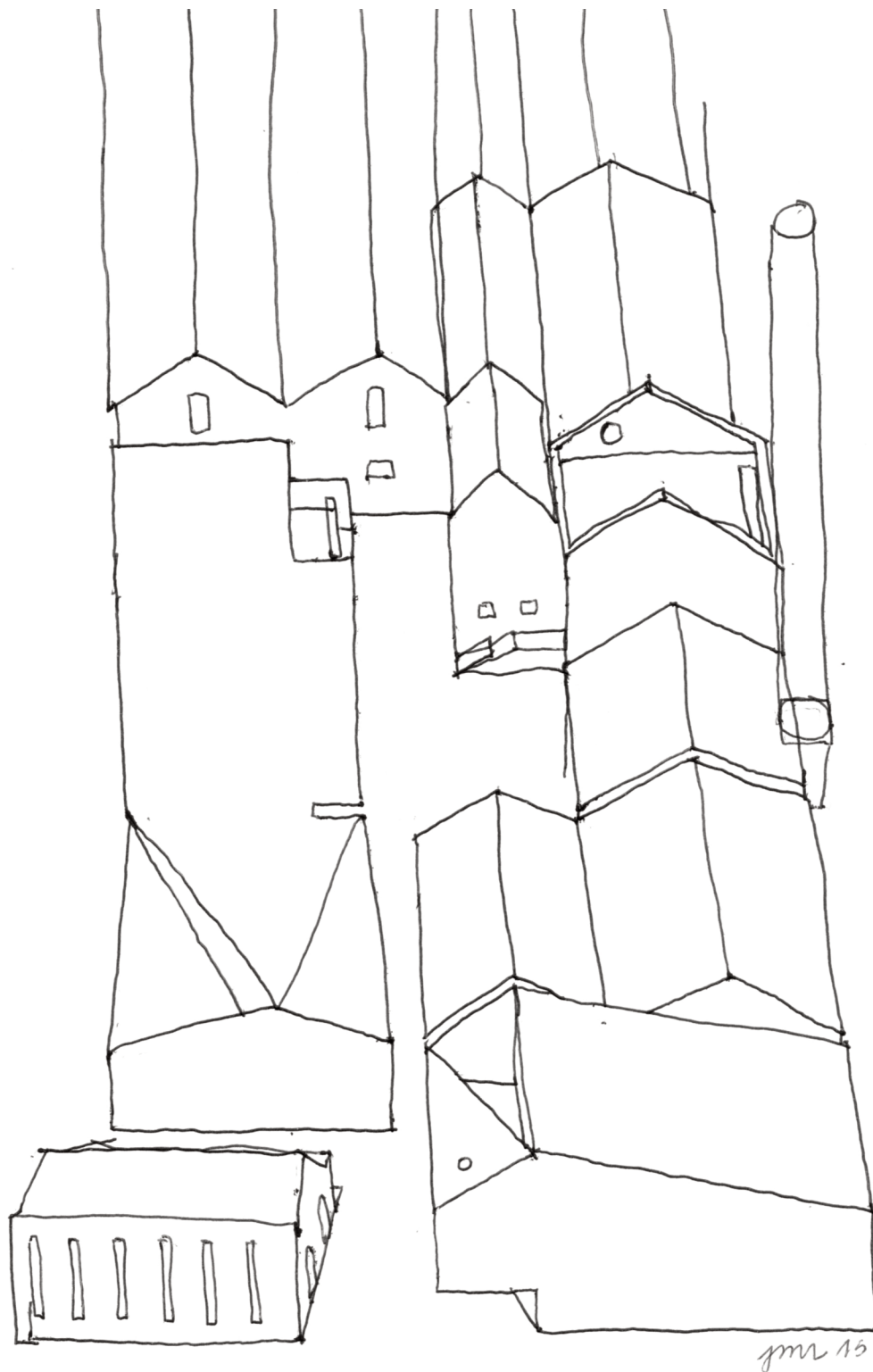
Espacos Exteriores: Ana Barroco, Rui Figueiredo (Quatenaire)

Construtor: Consórcio Somague, Marques S.A. e Tecnovia.

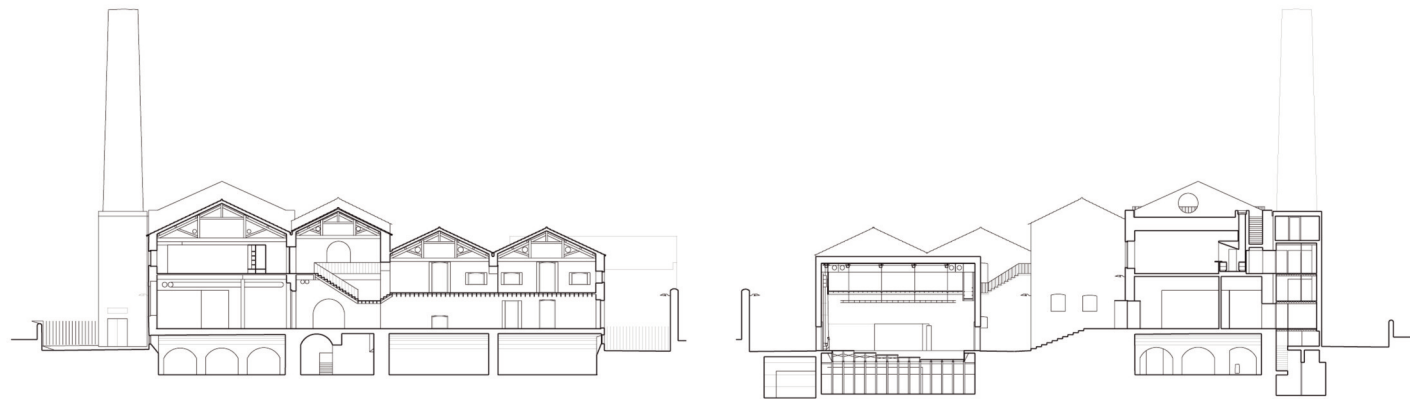
Fiscalização: Pedro Câmara (Eng. Tavares Vieira, Lda.)

Maquetes: Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda.

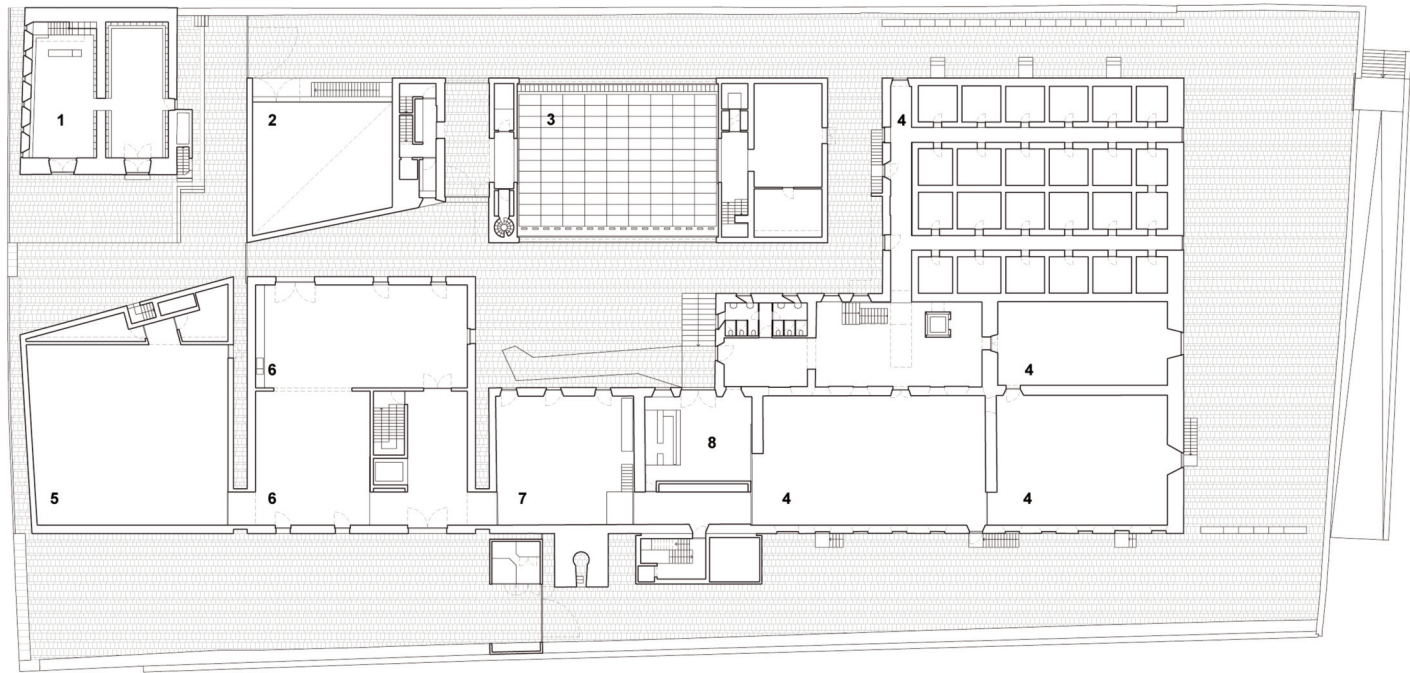
Fotografia: José Campos



CORTES TRANSVERSAIS



PLANTA PISO 0













P11

QUINTA DA TÍLIA

Pedro Maurício Borges / João André Simões

DATA

2015



A casa implanta-se a nascente da tília que dá o nome à quinta, no lugar de uma pequena casa que foi demolida. Com uma organização interna linear, a casa desdobra-se em duas direcções, começando paralela ao muro limítrofe e inflectindo depois para sul, de modo a alargar o espaço da varanda e simultaneamente envolver a sombra da árvore.

Um telheiro a norte abriga os carros e faz de pórtico à entrada.

A meio da casa, a sala abre para o terreiro sob a árvore e, no lado oposto, para a vista da costa Norte da ilha. No tecto, abriu-se uma clarabóia ampla para dar a ver a copa da tília que funciona como um grande parassol. Com uma parede envidraçada em caixilharia de madeira, a sala estende-se para sul-sudoeste para captar o sol, ao mesmo tempo que abriga o acesso para um pátio à cota da sala.

A desmaterialização e a transparência do meio da casa são contidas pela árvore omnipresente.

Colaboradores

Paulo Vaz, Diana Pinto

Estruturas, Instalações Hidráulicas

José Maria Cymbron, Rodrigo Cymbron

Instalações de Gás

António Manuel Brandão da Luz

Climatização

Francisco Laia Gonçalves

Construção

ARCO MAIS - Arquitectura e Construção, Unipessoal Lda
Casa Pacheco de Melo,

Colaborador(es)

Armando Rabaça, Pedro Neves e Sandra Cadete

Especialidades

Estabilidade
Eng. João Carlos Pires

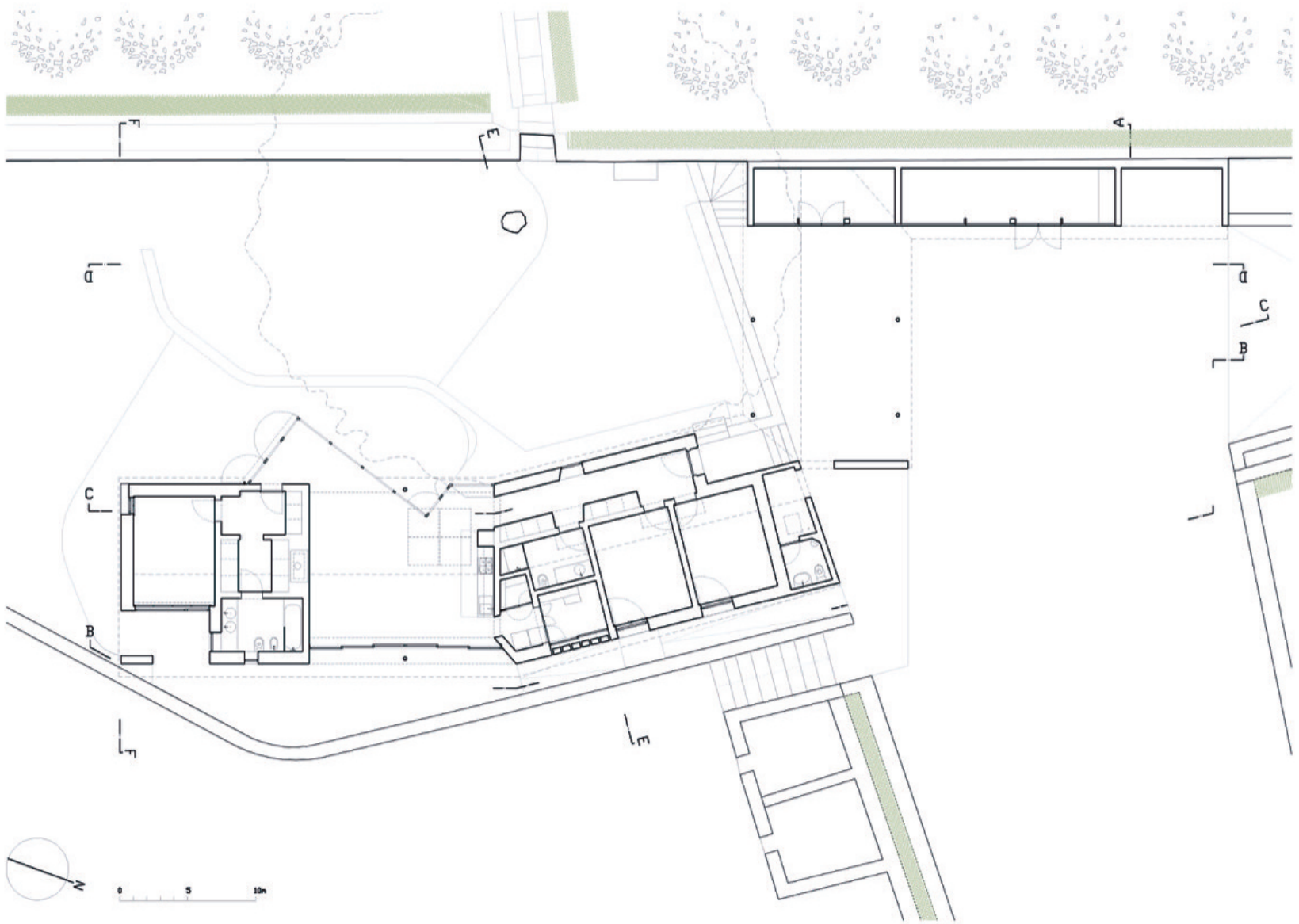
Instalações e Equipamento de Águas e Esgotos
Eng. João Carlos Pires

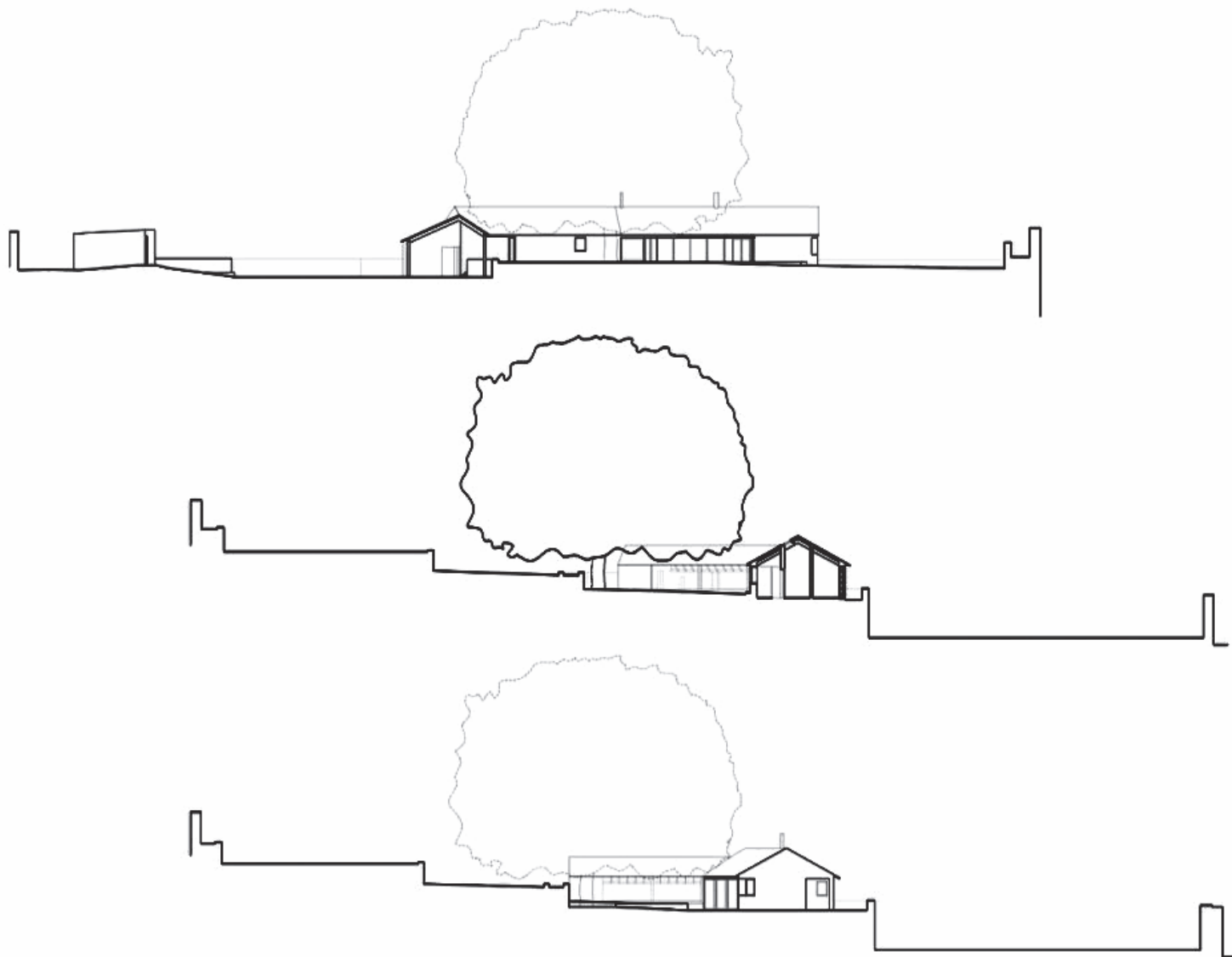
Donos de obra

João Pacheco de Melo e Florinda Melo

Área geográfica

São Miguel, Açores

















T6

GEOLOGIA DOS AÇORES

Rui Coutinho

DEPARTAMENTO DE geociências
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade dos Açores

O arquipélago dos Açores, localizado em pleno Oceano Atlântico, é constituído por nove ilhas dispostas, grosso modo, ao longo da direção NW-SE, por mais de 600 km. Trata-se de uma região subordinada a um complexo enquadramento geodinâmico, condicionado pela confluência de três placas litosféricas (Norte Americana, Euro-asiática e Africana) (Fig. 1) e caracterizada por uma intensa atividade sísmica e vulcânica.

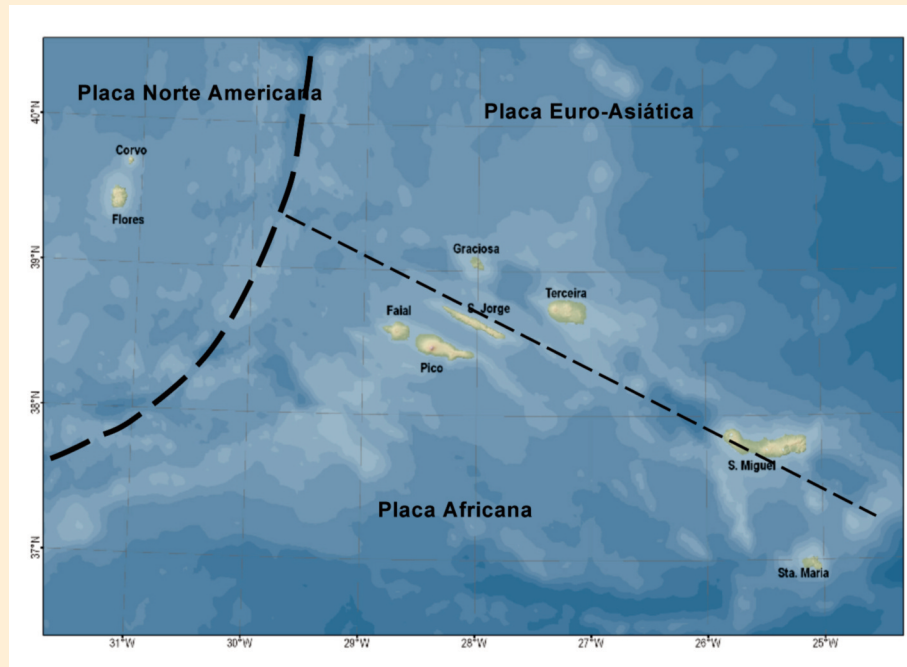
Sob o ponto de vista sísmico, a região dos Açores é caracterizada por uma intensa atividade centrada ao longo dos principais acidentes tectónicos ativos anteriormente referidos. Realça-se a existência de diversas zonas sismogénicas que se evidenciam pela sua elevada sismicidade, como é o caso da zona a W do Faial, a Fossa Oeste da Graciosa, a Crista Submarina Leste da Terceira, a Fossa Hirondelle, a zona central de S. Miguel, a Fossa da Povoação e a região dos ilhéus das Formigas (Pacheco et al., 2013).

A morfologia das ilhas dos Açores é bastante diversificada, destacando-se pela sua pequena dimensão, pela existência de vales curtos e pequenas bacias de drenagem, por um relevo vigoroso dominado por elevados maciços e por uma linha de costa que apresenta arribas altas e escarpadas.

As altitudes máximas são muito variadas, desde os 404 m na ilha Graciosa até aos 2351 m da ilha do Pico. A maioria das ilhas possui uma altitude máxima que ronda os 1000 m, encontrando-se uma parte significativa do seu território entre os 100 e os 400 m.

A ilha mais antiga do arquipélago é Santa Maria, com 6,01 Ma (Ramalho et al. (2017) e a ilha mais jovem é o Pico, com 0,27 Ma (Demande et al. (1982).

1



BIBLIOGRAFIA

Demand, J., R. Fabriol, F. Gerard, F. Lundt & P. Chovelon, 1982. Prospection géothermique, îles de Faial et de Pico (Açores). Rapport géologique, géochimique et gravimétrique. Technical report, BRGM 82 SGN 003 GTH.

Lourenço, N., Miranda J.M., Luís, J.F., Ribeiro, A., Victor, L.A.M., Madeira, J. e Needham, H.D. (1998) "Morpho-tectonic analysis of the Azores Volcanic Plateau from a new bathymetric compilation of the area." *Mar. Geophys. Res.*, 20(3) p. 141-156.

Pacheco, J. M., Ferreira, T., Queiroz, G., Wallenstein, N., Coutinho, R., Cruz, J. V., Pimentel, A., Silva, R., Gaspar, J. L., Goulart, C. (2013). "Notas sobre a geologia do arquipélago dos Açores", In: R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha e J. C. Kullberg (Eds), *Geologia de Portugal*, VOL. 2, Escolar Editora, 596-690.

Ramalho, R.S., G. Helffrich, J. Madeira, M. Cosca, C. Thomas, R. Quartau, A. Hipólito, A. Rovere, P.J. Hearty & S.P. Ávila, 2017. The emergence and evolution of Santa Maria Island (Azores) – the conundrum of uplifted islands revisited. *Geological Society of America Bulletin*, 129 (3-4): 372–390.

FIGURA 1

Localização geográfica e enquadramento geodinâmico do Arquipélago dos Açores (CVARG, dados batimétricos de Lourenço et al., 1998)



ALUNOS FOTOGRAFIAS

Afonso Miguel Vitória Alves de Carvalho
Carlos Alexandre Prata Félix
Catarina Santos
Constança Maria Girbal Eiras
Filipe Gonçalves Prudêncio
Francisco Diogo Gomes Correia da Silva Freitas
Hugo Maria Rodrigues Casanova
Inês Maria Bernardino dos Santos Bispo
Inês Rodrigues Miranda
João Gonçalo Dorez Antunes
João Rafael Serra Martins
Lara Filipe André Fernandes
Márcio da Cunha Lopes
Maria Margarida Lourenço Marreiros de Novais
Paulo Nuno Duarte Góis
Rita Rodrigues
Rodrigo Silvestre
Sarah Andrade
Susana Marreiros

ALUNOS VIAGEM**UAç**

Abraão Pinto
António Miguel S. Alves
Diogo Cansado
Mariana Almeida Aguiar
Neuza Sofia A. Duarte
Paulo Renato V. Moura
Ricardo R. Mendes
Sara Margarida C. Parece
Verónica Borges
Duarte Manuel Cunha
Helena Isabel O.B.Raposo
Rita Giroto B.Soures
Maria Carolina de M. S.Pedroso Alves
Renata Pereira

ISCTE-IUL

Ana Margarida Caldeirinha Mélite Dias
Ana Sofia Sousa Silva
André Filipe Moura Camilo
Beatriz Henriques Beato
Carlota Sacramento Perdigão Claro
Catarina Madureira Serra de Barros Costa
Clara Cabot
Constança Maria Girbal Eiras
Daniel de Carvalho Martins
Eliézer Renato Cunha de Carvalho
Elodie Gomes Marques
Fábio Tomaz Godinho
Francisca Isabel Esteves da Rosa
Giulia Figuera
Gretty Flavia Tangue Lisboa
Inês Rocha de Sousa
Inês Sofia Moreira Cardoso Raposo
Inês Timóteo Gonçalves
Joana Isabel Neves Gomes
João André Lopes Fernandes
João Parcelas
Léonor Cécile Pourbaix Andrade
Lorena Marín
Luís Miguel Duarte dos Reis Conde Rodrigues
Margarida Fezas Vital Macieira Condeixa
Maria Carolina Lucas
Mariana Costa Maurício Carvalho
Mariana Ferreira Raposo
Marta Vieira da Fonte
Paulo Jorge Oliveira Costa Carvalheira Dias
Rita Duque de Sousa
Rita Ivone do Carmo Pedro de Oliveira
Teresa Maria Carrilho Mateus

PROFESSORES VIAGEM**ISCTE-IUL**

José Luis Saldanha
Pedro Luz Pinto
Gabriela Gonçalves
Andrea Marques
Celina Vale
André Laranjinha



FICHA TÉCNICA

Título: Viagem dos alunos do departamento
de arquitectura do ISCTE-IUL a São Miguel

Autores: Gabriela Gonçalves, José Miguel Figueiredo

Contribuições: Desenhos de Arquitectura: Aires Mateus & associados,
Luís Gomes Menezes, Eduardo Souto de Moura, Adriano Pimenta,
Pedro Machado Costa, Célia Gomes, Inês Lobo, Pedro Domingos,
Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes, João Mendes Ribeiro,
Pedro Mauricio Borges, João André Simões. Textos: Nuno Costa,
André Laranjinha, Isabel Soares Albergaria, Margarida Sá Nogueira Lalandi,
Luís Silva, Rui Coutinho, Departamento de Arquitectura do ISCTE-IUL,
Curso Preparatório de Arquitectura da Uac

Design e Paginação: António Faria Design

Impressão / Acabamento:
Digiset, Lda

ISBN: 978-989-781-156-2

ISBN DIGITAL: 978-989-781-151-7
hdl.handle.net/10071/18608

Depósito Legal:
463159/19

Tiragem: 150 Exemplares

2019

